

SANDRA ANTONIA MARTA SABINA

FESTEJOS NATALINOS
Início do calendário litúrgico
(Mariana, 1945-1990)

MONOGRAFIA DE BACHARELADO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana, 2003

SANDRA ANTONIA MARIA SABINA

FESTEJOS NATALINOS
Início do calendário litúrgico
(Mariana, 1945-1990)

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em História.

Orientadora: Profa. Patrícia Vargas L. de Araujo.

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana, 2003.

A minha família pelo incentivo e apoio.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela oportunidade de levar este trabalho até o fim.

Agradeço às funcionárias do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, Luciana e Delma pela paciência, na busca da documentação e quando necessário na revisão das mesmas.

A Renata e Moarcir pelo interesse em estarem procurando e fornecendo documentação que muito auxiliou e ajudou na elaboração e desenvolvimento do projeto.

A amiga Adriana Cássia, pelo apoio na parte de pesquisa feita pela internet e da impressão do trabalho.

A professora, Patrícia Vargas Lopes de Araújo pela paciência de orientar-me e por acreditar na conclusão desse projeto. A você Patrícia a minha gratidão e admiração pela sua objetividade e seriedade com que você conduz seu trabalho.

A meus pais, Altivo e Maria; e Adriana minha irmã pela compreensão e apoio nos momentos difíceis.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar os festejos natalinos, em sua própria singularidade e rituais, procurando desvendar sua história e significados constituídos ao longo do tempo. Duas questões tomaram eixos deste estudo. Por um lado, deseja-se investigar como o calendário litúrgico influencia a vida das pessoas em sociedade, seus comportamentos, dita regras e normas. Por outro, quer-se perceber como o movimento denominado "secularização", mudou o comportamento das pessoas e suas experiências religiosas/sociais no século XX, particularmente na segunda metade deste, tomando como base para esta reflexão a cidade de Mariana, no período compreendido entre 1945-1990.

SUMARIO

Introdução.....	1
Capítulo 1: O calendário litúrgico da Igreja Católica.....	8
Capítulo 2: Festa de Natal: sua história, seus significados.....	29
Conclusão.....	67
Anexo.....	70
Bibliografia.....	71

Monografia de Bacharelado apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto, sendo avaliadores os seguintes professores;

Profa. Patrícia Vargas Lopes de Araújo
Orientadora

Profa. Ana Cristina Pereira Lage

Prof. José Arnaldo Coelho de Aguiar Lima

Introdução

Este estudo volta-se para uma festa bastante conhecida: o Natal. Esta comemoração é uma festa de âmbito e cunho religioso, e ao longo dos séculos foi tornando-se a mais importante do calendário festivo. Desta maneira, constitui-se um de nossos objetivos procurar pensar como ocorre sua perpetuação e como foi aceita pelas diferentes sociedades.

Quando pensamos fazer uma pesquisa sobre festas natalinas, por ser uma festa de âmbito mundial, imaginou-se a princípio a existência de uma vasta e farta documentação sobre o assunto. Mas não foi bem assim.

No princípio, o trabalho consistiria em analisar os festejos natalinos na cidade de Mariana na segunda metade do século XIX. No entanto, fato interessante, é que na documentação pesquisada (livros de tombo, jornais, sermões, cartas pastorais, livros de conta) não há descrições ou referências aos festejos do Natal. Em alguns documentos consta a data 25 de dezembro, mas o assunto tratado era totalmente diferente. Não foram encontradas, nestes documentos levantados, referências ao Natal, durante o mês de dezembro, tanto no período anterior à sua realização quanto depois.

A documentação, entretanto, nos permite afirmar que a festa que mais ganhava destaque pela igreja era a festa de Nossa Senhora da Conceição, realizada no dia 08 de dezembro. Pode-se supor que a importância desta festa era devido a grande influência das Confrarias e Irmandades, que faziam suas organizações e por ser uma das devoções trazidas pelos colonizadores portugueses.

Devido à dificuldade de encontrar uma documentação referente ao século XIX, avançou-se ao século XX, conseguindo-se não uma documentação abundante, mas

informações que permitiu-nos fazer algumas considerações. Principalmente, encontrou-se registros para o período de 1945 a 1990. O material mais utilizado será jornal "O *Arquidiocesano*", órgão oficial da Arquidiocese de Mariana. Este jornal se tomou importante instrumento para a reflexão dos festejos natalinos, pois trazia em suas páginas artigos, sermões, homilias, a história, as opiniões e os argumentos sobre o Natal. Sendo fundamental para esta pesquisa, o jornal nos possibilitou analisar o comportamento social com relação aos festejos natalinos e maneira como ocorria sua comemoração. Permitiu averiguar a posição e reação da igreja frente ao movimento de secularização; bem como quais os argumentos eram usados pela igreja para levar e inculcar na sociedade o que considerava a verdadeira essência do Natal, segundo seus dogmas e crenças.

A ausência de um abundante registro desta festa religiosa cristã, embora seja uma das comemorações mais importantes da igreja, senão a maior, nos permite supor que fosse um rito circunscrito ao interior do templo religioso, sendo comemorada e celebrada através da missa, e de maneira comedida pelos fiéis.

Pode-se afirmar com segurança que as festas tornaram-se importante objeto de estudo, constituindo-se em território vasto e rico da discussão histórica. Reconhece-se a importância que as comemorações festivas têm na compreensão de uma sociedade e de sua cultura. Desta maneira, a produção historiográfica, especialmente das duas últimas décadas, revela a riqueza dos temas de investigação propostos, tanto por monografias quanto por dissertações e teses: cerimônias públicas; entradas de reis; comemorações pelo nascimento, batizado e morte de infantes, reis e rainhas; cortejos e procissões religiosas; batuques; cavalhadas; entrudo e carnaval; folias de rei; congadas; festejos do Divino; entre muitos outros festejos que se tomaram objetos de estudo de historiadores.

Diferentes autores têm apresentado interessantes estudos, a partir de perspectivas e abordagens conceituais e metodologias bastante ricas. Entre outros, podemos citar: Renato Ortiz (1980); Adalgisa Arantes Campos (1989); PRIORE, Mary del (1994); José Ramos Tinhorão (1994); Maria Clementina Pereira Cunha (1996); Íris Kantor (1998); Martha Abreu, (1999).

As festas foram compreendidas muito frequentemente como uma atividade e uma forma de associação não motivada pela utilidade e, talvez por isso, compreendida como subversiva, pernicioso. No entanto, as manifestações festivas são extremamente preciosas para a interrogação dos diferentes significados do viver social, para a compreensão das diferentes maneiras pelas quais os grupos sociais projetam simbolicamente suas representações de mundo.

Desde o século XVI, mas especialmente a partir do século XVIII, o trabalho tornava-se fator controlador e organizador do tempo. As festas e outras atividades lúdicas passavam a ser encaradas como "desperdício" de tempo (THOMPSON,1998); além disso, sendo um tempo diferente do cotidiano, as festividades provocavam transformações e mudanças nos comportamentos das pessoas, fazendo ou permitindo que elas agissem diferentemente do considerado "normal".

Por exemplo, muitos viajantes que passaram pelo Brasil em períodos diferentes, ficavam espantados com a quantidade de festas. Jean de Lery, por exemplo, dizia que "havia sempre festas, todo o tempo, por toda à parte e por todos os motivos". E Saint-Hilaire, de que "ao contrário do que começou a ocorrer na Europa após a Reforma Protestante e Contra-Reforma, as festas religiosas da Igreja no Brasil eram

desbragadamente festivas e misturavam tudo e todos, de uma maneira impensável na França ou na América do Norte"¹.

A igreja também estabeleceria normas com relação às festas, particularmente das nomeadas "festas profanas". Isto pode ser verificado, por exemplo, durante o Concílio de Reims e de Constança (1413), quando Jean Gerson propôs que houvesse uma redução no número de festas, pois eram numerosas, e ainda que não se poderia santificar todas (VALERI, 1994).

Para Freud, a festa é uma maneira de transgredir as normas que estão estabelecidas, burlar as regras, pois de outra maneira não é possível fazê-lo. Por outro lado, pode-se argumentar que nem todas as festas são transgressoras. Houve e há comemorações que traduzem uma forma de solidificar o poder hierárquico e ser fonte de reafirmação social. É. Durkheim, diferentemente de Freud, vai afirmar que com relação à festa que ela provoca uma revolução, mas uma revolução boa e transformadora, pois traria a harmonia, a tranquilidade e a confraternização para a sociedade.

As festas, longe de serem um constante caos ou permanente revolução, podem ser compreendidas também pela maneira como elas, sendo atividades organizadas por grupos na sociedade, muito frequentemente demonstram a perpetuação de corporações, de confrarias, de associações de bairros e outras maneiras de agrupamentos com duração permanente e com influência na sociedade.

A festa permite observar o cotidiano das pessoas, pode-se perceber o ritmo de suas vidas, e as festas e fatos que as vão passando, registrando eventos como: nascimentos,

a morte, os casamentos, os batizados. Ou ainda comemorações que se repetem, ao longo do ciclo de vida, como os aniversários².

Em algumas sociedades, se comemora determinado acontecimento ou situação com mais ênfase, enquanto que em outras os deixam de lado optando e dando importância para outros. A cultura da qual fazemos parte demarca e delimita os momentos que devem ser festejados. Momentos festivos ocorridos em diferentes espaços (casa, praça, igreja ou rua) onde cada um de nós c, coletivamente ou singular, chamado a entrar em cena.

A festa pode ser compreendida como "o lugar simbólico onde ccerimonialmente separam-se o que deve ser resgatado da coisa ao símbolo, posto em evidencia de tempos em tempos, comemorado, celebrado" . Tem-se assim a idéia de que a festa é uma forma de expressão que remete a uma fala, uma memória e a uma mensagem. De maneira que individualmente ou coletivamente, os momentos festivos fazem com que sejamos,

por um instante convocados à evidência, para semios lembrados ou para que alguém - uma outra pessoa, um bicho, um deus - seja lembrado através de nós, que, festejados, somos durante a brevidade de um momento especial enunciados com mais ênfase: somos símbolo. A festa restabeleceu laços. A festa se apossa da rotina e não rompe, mas excede sua lógica (...)

A festa configura "um sistema de trocas entre as pessoas"⁵. Remete-nos, portanto a uma noção de coletividade vivenciada, bem-estar, alegria, disposição, satisfação, de compromisso, de amizade, de encontro, numa clara de expressão de ser algo bom, possuindo também um forte poder de mobilização.

² Ver por exemplo, a respeito do aniversário de D. Pedro II, SHWARCZ, Lilia M. *As Barbas do Imperador — D. Pedro II, um monarca nos trópicos*, 1998.

³ BRANDÃO, Cados Rodrigues. *A Cultura na Rua*, p8.

⁴ *Ibidem*, p. 9.

³ GUIMARÃES, Dulce Maria Pamplona. Festa do interior: apontamentos de uma pesquisa em andamento. *Est. História*, Franca, 1: 1994, p.105.

Mas as festas serviram também, em diferentes momentos no Brasil, como auxílio para a construção, solidificação e reafirmação do poder de monarcas e de eclesiásticos. Tanto em Portugal e como também nas as colônias, estabelecia-se uma ordem de que todos os habitantes de Vilas e Capitanias eram obrigados a participarem das comemorações monárquicas e religiosas, principalmente os que residiam a 1 légua do termo.

Em ocasiões de festividades, as câmaras coloniais faziam uso da publicação de editais que eram afixados normalmente nos pelourinhos e em lugares públicos para notificar qual era a natureza do festejo e para convocar os moradores para os preparativos que seriam necessários, tais como: limpar as ruas, colocação de tecidos ornamentando as janelas e portas, caiação das casas, colocar luminárias, fazer a ornamentação do trajeto. Caso algum morador deixasse de cumprir as ordens, teria que pagar uma taxa, que estava estipulada na primeira metade do século XVIII em 9\$000 Réis ou então 30 dias de cadeia, este valor sofria alterações de acordo com o grau de importância e natureza da festa. . ,

Conclui-se desta maneira que muitas e diferentes eram as festas ocorridas no Brasil. Desde a colônia, importantes comemorações festivas marcaram o contato entre os indivíduos. As realizações festivas (religiosas, cívicas, domésticas ou carnavalescas) preenchiam o todo o calendário. E, o Natal, parece ser uma data especial deste calendário de festas anual⁶.

No entanto, embora exista uma considerável bibliografia sobre as festas, é preciso alertar para o fato de que do ponto de vista historiográfico pouco se falou ainda dos festejos natalinos. Por um lado, silêncio criado pela dificuldade de se encontrar uma documentação mais abundante, a exemplo de outras festas como o Corpus Christi. Por outro lado, pode-se

SHWARCZ, Lília. *As Barbas do Imperador*—D. Pedro II, um monarca nos trópicos, 1998.

dizer que existe uma considerável informação produzida pela igreja a respeito destas comemorações, particularmente quanto à definição de seus princípios e dogmas. Desse modo, apesar de para outros séculos haver uma maior carência de informações, isto não procede de todo para o período que podemos definir como a "Antiguidade tardia", momento de definições de diretrizes para a igreja, bem como assentamento de suas datas-marcos e de seu calendário.

Este estudo não se esgota por aqui, o assunto é amplo e vasto, mas ainda existe a necessidade de persistir nas investigações em busca de novas informações. Aqui desvendamos apenas uma pequena parte de um universo maior. No primeiro capítulo procuramos abordar a história, a estrutura, a formação e a divisão do calendário litúrgico cristão e suas principais festividades. Nos deteremos mais no Tempo do Advento, pois ele inicia o calendário litúrgico e prepara para a festa do Natal.

No segundo capítulo analisaremos a história do Natal, sua estrutura e qual foram um dos principais motivos para a Igreja determinar a sua criação. Neste capítulo tentamos nos concentrar na cidade de Mariana, voltado-nos para a um movimento em particular — a secularização —, buscando analisar a sociedade, e também a posição da igreja frente a esta questão.

⁷ Ver SENNETT, Richard. O tempo no corpo: os primeiros cristãos em Roma. In: *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*, 1997, p.110-131.

Capítulo 1: O calendário litúrgico da Igreja Católica

O cristianismo é uma religião baseada na crença em Jesus Cristo como filho encarnado de Deus e na adesão a seus ensinamentos. Foi provavelmente em sua origem uma seita do judaísmo e compartilha com este a crença em um Deus único e onipotente. Jesus, um judeu, era considerado por seus seguidores como o Messias e Filho de Deus. Seu nascimento representou o cumprimento das profecias milenares e escatológicas a respeito do Salvador e proclamação de uma nova aliança entre Deus e a Humanidade. Uma crença fundamental é a de que Jesus é o *filho de Deus feito carne*. Possui ao mesmo tempo uma natureza divina e uma humana.

No início, o cristianismo era fé de um grupo de judeus palestinos que acreditavam que Jesus era o "Messias", ou Cristo, que traria a liberdade para os judeus. Os ensinamentos de Jesus começaram a espalhar-se, particularmente através das viagens missionárias do antigo fariseu Paulo, que visitou a Ásia Menor, a Grécia e Roma. A mensagem de Paulo de que a fé em Jesus estava aberta a todos trouxe ao cristianismo os "gentios", isto é, os não-judeus (SENNETT, 1997).

Inicialmente, o cristianismo foi continuamente perseguido. No entanto, por volta do século 3, o cristianismo estava espalhado por todo o Império Romano. No ano de 313 Constantino acabou com as perseguições. A difusão da religião judaico-cristã no período do Império romano gerou fortes mudanças. A mais visível talvez seja o fato de que as regras ditadas pela igreja passam a preponderar. E isto começa a se vincular também com a desestruturação do Império Romano,

A partir deste período o cristianismo ganha força e sua influência é sentida em nossa civilização. A contagem do tempo ocidental, por exemplo, segue uma cronologia baseada no grande acontecimento e marco central para os cristãos que é a chegada do Messias. A condição humana de Cristo abriu as portas para a salvação da humanidade e se inscreveu na história através dessa vinda, isto é, do nascimento de Jesus Cristo. Este evento passa a fazer a divisão cronológica do tempo: A.C. - Antes de Cristo e D.C — Depois de Cristo. Com este processo o desenrolar da vida das pessoas passa a estar intimamente ligado ao plano divino, que regeria e conduziria a humanidade através de suas normas. Instaura-se ainda uma visão linear, no qual os planos do mundo e os da Providencia Divina se entrecruzam (BORGES, 1994).

A realidade se dividida em dois planos: o superior, perfeito (representado por Deus) e o imperfeito, inferior (representado pelos homens). Santo Agostinho será o primeiro a introduzir esta visão na história, fazendo uma formulação teológica da história. Em sua obra "A cidade de Deus", afirma: "O plano superior da realidade é a cidade de Deus, enquanto que o plano inferior é a Cidade dos homens". A religião cristã é histórica "pois não prega uma cosmovisão atemporal, mas sim uma concepção que aceita um tempo linear, que se ordena em torno de uma intervenção divina real na história" (BORGES, 1994).

A fé cristã inaugura um novo marco, acontecimento histórico, situado de uma maneira concreta e real, em um determinado lugar e época, ou seja, a vinda do Salvador encarnado na humanidade, através do nascimento de Cristo. Um instrumento importante para a igreja será a definição do calendário litúrgico que buscará dar conta de toda a história do Cristo.

O calendário anual é marcado por festas profanas e também pelas festas da igreja. Mesmo que as pessoas não sejam praticantes do catolicismo, este calendário cristão exerce forte influência no cotidiano e na vida delas. Desta maneira, consideramos válido fazer uma reflexão acerca do calendário litúrgico cristão, procurando compreender como este calendário se divide, quais são as principais festas e perceber como a festa do Natal, que é o nosso objeto de estudo, se desenvolve, principalmente na parte litúrgica, pois sendo uma festa mais concentrada no templo religioso, há determinações eclesíásticas regendo sua celebração .

A igreja denomina "ano litúrgico" o período de celebração festiva ao longo de um ciclo anual, onde se procuram perceber os diversos feitos de salvação que Deus realizaria na pessoa de seu filho, Jesus. O objetivo da igreja com relação ao calendário litúrgico é o de lembrar e comemorar os mistérios de Cristo, desde a sua Encarnação, dia de Pentecostes, até espera da volta do Senhor.

O Ano Litúrgico é o calendário próprio dos cristãos. Define os momentos que devem ser de reflexão e comemoração. Marca também as grandes festas, que são carregadas e repletas de significados e sentido, lembrando a trajetória da vida de Jesus Cristo, o filho prometido por Deus (Pai) para a humanidade.

No calendário litúrgico tem-se uma sequência de festas para estarem lembrando e vivendo toda uma espiritualidade voltada para a busca, e ter um contato com o transcendente, isto é, com Deus. Por outro lado, procura interiorizar nos fiéis os ensinamentos de Jesus Cristo, através de seu nascimento, paixão, morte e

Para este capítulo foi fundamental a leitura e consulta a ADAM, Adolf. *O ano litúrgico*, 1983.

ressurreição. O calendário o conhecimento das ações de Jesus Cristo no mundo, confirmando a existência de um Deus que se faz presente através da Eucaristia.

Nos primeiros tempos a igreja não tinha o ano litúrgico organizado. Havia apenas a celebração dos domingos. A liturgia do domingo tem sua origem ligada ao dia da Ressurreição. A igreja celebrava em cada oitavo dia o "Mistério Pascal", ou seja, domingo ou dia do Senhor. A Páscoa durante a Antiguidade tardia era celebrada não apenas sete dias, mas sete vezes: com o Pentecostes. A Ascensão e o Pentecostes eram frutos da Páscoa. Depois, passou-se a celebrar a última ceia e a Paixão e morte na sexta-feira Santa. No século IV começou a ser organizado o Natal. Com isto definia-se a estrutura do ano litúrgico.

O calendário litúrgico não foi criado para ser um concorrente do ano civil, pois o tempo seria um dom de Deus. E este se insere no tempo de várias maneiras e de um modo especial e particular, através de seu filho Jesus. Desse modo que qualquer tempo é tempo de Deus, de salvação, de transformação, pois sua oferta de salvação abrange todas as épocas e toda a humanidade; tendo assim um caráter universal.

A principal tarefa das comemorações contidas no calendário é a de anunciar as obras benéficas de Deus na pessoa de Jesus Cristo, de maneira, que todos tenham acesso e conhecimento das obras e maravilhas de Deus. Essa tarefa deve ser realizada pela igreja, através da proclamação da Palavra de Deus e na celebração dos sacramentos, isto é, um variado número de ministérios pastorais que abrem o caminho da fé, do amor e esperança, promovendo o crescimento na graça de Deus.

Por isso, a comemoração das festas cristãs deve promover a recordação da ação de graças pela obra salvífica de Jesus. E isto deve ser uma constante repetição, não como um momento mecânico e repetitivo, mas como uma maneira da igreja cumprir sua função de anúncio da Palavra da Salvação. Assim

Para evitar, porém, qualquer arbitrariedade, impõe-se uma medida do tempo anual, marcada cosmicamente, para assinalar às diversas comemorações eclesiais o seu lugar fixo e garantir-lhes, desta maneira, uma repetição cíclica .

As diversas fases do ano são marcadas, pelo movimento de translação da Terra em torno do Sol. O mês é resultante do giro que a Lua faz em volta da terra, sendo que o mês é uma unidade de tempo de cerca de $29 \frac{1}{2}$ dias, por isso o mês originariamente tinha de 29 a 30 dias. Sendo que a unidade de tempo que é denominada de dia, acontece devido ao rápido movimento de rotação da terra em torno de seu próprio eixo, o dia é também subdividido em 24 horas. A astronomia e suas leis é que dão origem às unidades objetivas de tempo, influenciando a vida humana de maneira decisiva, de acordo com as alternâncias entre luz e trevas, calor e frio.

Assim o homem assiste ao desenrolar de um dia, com suas horas luminosas e escuras, e ao desenrolar do ano, com as peculiaridades climáticas das quatro estações, assinaladas pelos solstícios do começo do verão e do inverno, e pelos equinócios que marcam a entrada da primavera e do outono .

As fases da lua nova, quarto crescente, lua cheia e lua minguante influenciam uma divisão do tempo na vida do homem, através da circunvolução da Lua em torno

ADAM, Adolf. *O Ano Litúrgico*, p. 5.

ADAM, Adolf. *O Ano Litúrgico*, p. 6.

da terra. Observando a fase da lua e o tempo em que cada fase acontece, o homem, principalmente o do campo, consegue estabelecer o tempo em que se deve plantar, o tempo da colheita, o tempo de descanso da terra.

Através dessas unidades cósmicas do tempo que forniam o dia, semana, o mês e o ano, a humanidade tem consciência de nela estar envolvida. Este envolvimento temporal faz também com que as pessoas determinem suas atividades.

Portanto, o ano litúrgico deve ser compreendido como a função de todas as celebrações litúrgicas que têm seu lugar fixado no ciclo anual. Para a igreja, onde acontece a celebração da liturgia, Jesus se faz presente, sendo celebrado como o único sacerdote da Nova Aliança pela comunidade celebrante, com objetivo da salvação e da glorificação de Deus. A fé cristã "encontra sua realização e se concretiza no ano litúrgico que se torna, assim uma auto-representação complexiva da Igreja, bom como a base e a estrutura da existência cristã"⁴.

Desta forma cada ano constitui uma vivência do mistério total de Jesus Cristo, que ressalta em cada tempo e em cada festa um aspecto de Cristo, desde o Advento, Natal, Epifania, a Quaresma, a Semana Santa, a Páscoa, Ascensão, Pentecostes, o Tempo Comum, o mistério da Igreja, sendo comemorado principalmente nas festas dos Santos. Compreende-se que a obra do Cristo é tão rica que não é possível apenas uma celebração. Por isso, o calendário litúrgico deve desdobrar os vários acontecimentos da vida de Cristo.

Para cada data existe uma celebração própria e é importante conhecer qual é o mistério que está sendo celebrado. E é este mistério que faz com que uma celebração seja diferente da outra, assumindo um rito próprio e diferente de outra celebração.

O ano litúrgico tem, fundamentalmente, dois ciclos: o da Páscoa e o do Natal. São denominados tempos fortes de conversão, as 33 ou 34 semanas que estão situadas entre esses 2 ciclos, são chamadas de tempo comum, tendo seu início na segunda-feira depois da festa do Batismo de Jesus, seu término é no sábado que precede o 1º domingo do Advento. Estes dois ciclos festivos são as colunas mestras do ano **litúrgico**.

A festa do Natal é o ponto alto do ciclo natalino que tem seu início com o Advento. E neste período que é celebrado o mistério do "Deus Conosco" e que um dia será vivido de forma plena na eternidade. O ciclo do Natal se divide em:

- ' . • ADVENTO — quatro semanas antes do Natal, é um momento de preparação;
- NATAL — 25 de dezembro, celebração;
- EPIFANIA — comemorado no dia 6 de janeiro. Também conhecido como "Dia de Reis", comemora-se os Reis Magos.

Depois da Epifania seguem-se os domingos do Tempo Comum. O número destes domingos varia de acordo com a maior ou menor proximidade da Páscoa.

Os festejos natalinos serão aqui compreendidos tanto quanto uma festa como também como rito. Rito ou ações rituais será compreendido como a tradução de crenças, de expressão de sentimentos socialmente regulados, com a finalidade de perpetuar uma estrutura. Ações não movidas completamente pelo que é definido como "racional", mas antes regido pelo simbólico, pelo ilusório mas forte sentido prático — moral ou social.

Neste ciclo natalino, comemoram-se hoje em dia a "Festa da Sagrada Família", no primeiro domingo depois do Natal e a "Festa da Mãe de Deus", na oitava do natal.

No período do Tempo Comum são celebrados os mistérios de Cristo, sendo um período rico e bem variado, que completa as celebrações dos ciclos e dos tempos especiais.

O outro grande ciclo do calendário litúrgico é o da Páscoa. A Páscoa, assim como o Natal, também tem um período de preparação, que é a Quaresma; sendo cinco semanas que antecedem a Semana Maior, ou seja, Semana Santa, a partir da Quarta-feira de Cinza. Neste período a característica principal é o da penitência e o de recolhimento para viver e compreender os ensinamentos de Cristo. A Quaresma compreende um período de 40 dias ⁶.

No 5º Domingo da Quaresma inicia-se a Semana Santa, tendo como ponto alto o Tríduo Sacro: Quinta-feira Santa, Sexta-feira e Páscoa, com um destaque maior para a Vigília Pascal. Na Quinta-feira Santa, durante a celebração recorda-se: a Última Ceia, o Lava-pés, Instituição da Eucaristia, sendo um momento repleto de mistério e sentido. Na Sexta-feira Santa não há missa, é feito um ato Litúrgico e Adoração da Cruz, lembrando o drama do Filho de Deus que foi injustiçado torturado, assassinado e morrendo pregado na cruz, sendo apresentado como o maldito de Deus (Deut. 21,22-23). Para fechar este dia é feito um sermão e depois o enterro do Senhor morto. Já no Sábado Santo a Vigília Pascal é o ponto culminante, crescendo um clima de esperança, de alegria e de festa.

⁶ Este trabalho não trata das comemorações do ciclo da Páscoa, mas a título de exemplo ver o tomo II de *Sermões* do Pe. Antônio Vieira, 1959.

O Tempo Comum que foi interrompido pelo início da Quaresma recomeça a partir do Ciclo Pascal; sendo que essa segunda parte termina com a solenidade de Cristo Rei, que é celebrada com paramentos brancos e com esta encerra-se o Ano Litúrgico.

A igreja compreende que o Ano Litúrgico não é simplesmente uma sucessão de celebrações, mas uma caminhada para a vida eterna. O novo lecionário reparte em três anos os textos bíblicos a serem lidos nas celebrações eucarísticas. Para cada ano a liturgia é preparada através dos Evangelhos⁷ que são divididos em: A, B, C. O evangelho de João complementa os outros evangelhos, através de leituras que são selecionadas para ajudarem na reflexão do mistério de Cristo. O evangelho de João é lido no tempo do Natal e da Páscoa. São assim dispostos:

A = Mateus

B = Marcos

C = Lucas

As leituras e Evangelhos são escolhidos assim de acordo com o ano litúrgico e também em consonância com cada comemoração. A celebração das missas durante o tempo do Advento, Natal, Epifania e Batismo de Jesus deve seguir estas determinações.

As leituras para o 1º domingo do Advento são:

Evangelho, palavra de origem grega, quer dizer "Boa Nova", "alegre notícia". Ver CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, 1982. São quatro os evangelistas: Mateus, Marcos, Lucas e João.

Ano	1ª Leitura	Salmo	2ª Leitura	Evangelho
A	Isaias 2,1-5	122	Romanos 13,11-14	Mateus 24,37-44
B	Isaias 63,16- 17;64,1.3.8	80	1Corintios 1,3-9	Marcos 13,33-37
C	Jeremias 33,14-16	25	1Tessalonicenses 3,12-4,2	Lucas 21,25-28.34-36

2º Domingo do Advento:

Ano	1ª Leitura	Salmo	2ª Leitura	Evangelho
A	Isaias 11,1-10	72	Romanos 15,4-9	Mateus 3,1-12
B	Isaias 40,1-5.9-11	85	2 Pedro 3,8-14	Marcos 1,1-8
C	Baruc 5,1-9	126	Filipenses 1,4-6.8-11	Lc 3,1-6

3º Domingo do Advento

Ano	1ª Leitura	Salmo	2ª Leitura	Evangelho
A	Isaias 35,1-6a.10	146	Tiago 5,7-10	Mateus 11,2-11
B	Isaias 61,1-2ª.10- 11	Lucas 1,46-54	1Tessalonicenses 5,16-24	João 1,6-8.19-28
C	Sofonias 3,14-18a	Isaias 12,2-6	Filipenses 4,4-7	Lucas 3,10-18

4º Domingo do Advento

Ano	1ª Leitura	Salmo	2º Leitura	Evangelho
A	Isaias 7,10-14;	24	Romanos 1,1-7	Mateus 1,18-24
B	2 Samuel 7,1-16	89	Romanos 16,25-27	Lucas 1,26-38
C	Miquéias 5,1-4a	80	Hebreus 10,5-10;	Lucas 1,39-45

As leituras escolhidas para a celebração do Natal são:

Missa	1ª Leitura	Salmo	2º Leitura	Evangelho
Vigília	Isaias 62,1-5	89	Atos dos Apóstolos 13,14- 25	Mateus 1,1-25.
Noite	Isaias 9,1-6	96	Tito 2,11-14	Lucas 2,15-20
Dia	Isaias 52,7-10	98	Hebreus 1,1-6;	João 1,1-18
Sagrada Família	Eclesiástico 3,2- 6.12-14	128	Colossenses 3,12- 21	

Para celebrar momentos que são centrais da vida os povos de culturas diferentes do passado e da atualidade possuem ritos festivos para celebrar e comemorar datas que são importantes. Algumas dessas celebrações são rituais religiosos. É este ocaso do Natal.

Para comemorar a presença divina, o povo vai ao templo para rezar, orar, meditar a palavra de Deus, cantar salmos, suplicando e bendizendo a Deus que é fiel

e solidário e também prestando culto a Deus. O nome que é dado a esse serviço religioso, ou culto público que é prestado a Deus, é liturgia⁸. Durante a celebração litúrgica, acontece um movimento de cima para baixo: ou seja, Deus se entrega ao povo como dom; e o movimento que acontece de baixo para cima se dá quando o povo acolhe o dom de Deus, que é amor, perdão, misericórdia, justiça, dando graças e louvor a Deus. Podemos dizer que através da liturgia acontece um dialogo entre Deus e o povo.

Jesus tendo armado a sua tenda entre a humanidade, revelou quem é o Pai e ensina a estar em comunicação com Ele. Jesus é a ponte que faz a ligação entre Deus e as pessoas, sendo o caminho que leva e conduz a Deus. É o único que apresenta a Deus as preces e súplicas do povo. Através de Jesus as pessoas são cumuladas de graças. É por isso que nas celebrações litúrgicas se definem que seja feito o oferecimento de si mesmo a Deus por Cristo, com Cristo e em Cristo.

Pela liturgia se celebra os mistérios de Deus. A palavra mistério, neste contexto quer significar e indicar os projetos de Deus que são realizados na pessoa de Jesus Cristo. O mistério central da vida de Cristo está na sua paixão, morte e ressurreição, sendo que o nome dado a esse mistério é de Mistério Pascal. A palavra Páscoa significa a passagem, tornando-se assim a passagem de Cristo pelo sofrimento e morte, culminando na sua ressurreição e glorificação. Portanto a liturgia celebra os sofrimentos, a morte e ressurreição e glorificação de Jesus e em contrapartida. Celebra as lutas, as dores, as angústias e a morte do povo e num segundo momento

No dicionário encontramos a seguinte definição: "ordem das cerimônias e preces de uma igreja". *Melhoramentos* — Dicionário da Língua Portuguesa, p.308.

celebra as suas alegrias, vitórias, esperança em busca de uma sociedade que esteja fundada na fraternidade e na justiça.

A celebração e a ação litúrgica faz memória, ou seja, faz presença. Traz para o momento atual os acontecimentos de salvação, relembra e recorda a trajetória de Jesus. A liturgia é realizada na igreja e pela igreja. Na igreja porque ela significa o corpo vivo e real de Cristo, feito por pessoas que nele crêem, acreditam. Estabelecendo-se como um princípio Cristo se serve das pessoas que são membros e instrumentos da igreja para realizar a ação litúrgica. Cristo é o mediador que faz a ligação da unidade entre Deus e os homens. É por isso que a liturgia é ação de Cristo e ação da Igreja.

As pessoas para celebrarem a vida se unem a outras pessoas. Na a igreja elas formariam a assembléia cristã. A comunidade através de sinais sensíveis entraria em comunhão com o Pai, pelo Filho Jesus Cristo, no Espírito Santo. A assembléia cristã, ou seja, o sinal visível do sacramento da presença de Cristo está no meio do povo: "onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles" (Bíblia Sagrada, Mt 18,20).

A Igreja qualifica como sinais sensíveis os objetos de cores, as luzes, os gestos, os movimentos, que tocam e envolvem nossos sentidos e que ajudariam os fiéis a estarem em comunhão com Deus. A celebração litúrgica está intrinsecamente ligada à expressão corporal que é um dos canais pelo qual o povo demonstra a sua fé. Os sinais sensíveis importantes para a igreja podem também receber o nome de linguagem simbólica. Tudo o que se refere à liturgia é simbólico, isso quer dizer que através dos objetos, movimentos, palavras, gestos há a intencionalidade de se fazer

uma comunicação com uma realidade que é invisível, tornando-a uma realidade visível e concreta.

É pela fé, que os símbolos ganham vida. A fé é que move as pessoas a terem uma compreensão dos planos e dos projetos de Deus. Se não houver fé, a celebração litúrgica, passa a ser um mero espetáculo vazio e ineficaz. O Luiz Miguel Duarte, na obra *Liturgia* diz:

o espaço celebrativo, a ornamentação, o cuidado, o cuidado com os objetos litúrgicos, as atitudes dos membros da assembleia, tudo nos fala de como é nossa fé, nossa teologia, nosso respeito em relação aos mistérios que celebramos .

Há algumas realidades que tocam os sentidos, comunicam algo e provocam algum tipo de reação. Na celebração litúrgica existem algumas dessas realidades que provocam os sentimentos: o espaço celebrativo, a ornamentação do templo religioso, as vestimentas, os objetos litúrgicos, os símbolos, a expressão corporal, os gestos, as posturas: de pé, sentados, ajoelhados, prostrar-se, fazer genuflexão; movimentos, silêncio; são veículos para comunicar a ação de Deus. No entanto, "(...) somente o modo de viver esses sinais por parte da assembleia litúrgica é que os torna obra salvadora de Deus"¹⁰.

Durante a celebração da missa são usados alguns objetos como a âmbula, aspersório, o cálice, o candelabro ou castiçal, Círio pascal, corporal, custódia, galhetas, hóstia, incenso, luneta, manustérgio, naveta, ostensório, pala, patena, partícula, reserva Eucarística, sanguíneo, teca, turíbulo. Há também as vestes

⁹ DUARTE, Pe. Luiz Miguel. *Liturgia: Conheça mais para celebrar melhor*, 1996.

¹⁰ *Ibidem*, p. 19.

litúrgicas e paramentos que são: a alva, a casula, a capa pluvial, o cingulo, a dalmática e a estola.

A celebração de uma missa é composta pelas seguintes partes: ritos iniciais, liturgia da palavra, liturgia eucarística, rito e encerramento. Considera-se que seja bom e importante que o cristão reconheça e saiba de todas as partes de uma missa. Pois, celebrar significa dar importância, fazer uma ação solene, exaltar, ter cuidado, amor, estima.

Para celebrar o Natal, existe um tempo de preparação que recebe o nome de Advento, que quer dizer chegada e presença. Tem duplo sentido: preparação para o natal e para se recordar com vigília à vinda final do Cristo. Por este duplo sentido, apresenta-se como um tempo de piedosa e alegre expectativa. Procuraremos a seguir apresentar algumas questões sobre este momento que antecede o natal.

Advento: tempo de alegre expectativa

O tempo do Advento é marcadamente especial, pois abre o calendário litúrgico para as preparações da grande festa de comemoração do nascimento do Filho de Deus junto com a humanidade.

A evolução histórica do Advento é interessante, devido ao fato de que os primeiros indícios encontrados para a preparação do Natal não estão na liturgia romana, mas sim na Espanha, principalmente na Gália.

É importante ressaltar também que esses países tinham ligação estreita com a igreja do Oriente, sendo que a festa da Epifania, por exemplo, era considerada como a

festa mais antiga do nascimento de Cristo, e em algumas igrejas tinha uma importância da administração do batismo, diferente do que acontecia em Roma.

O testemunho mais antigo de que se tem registro sobre o Advento como tempo de preparação estão nas prescrições do bispo Perpétuo de Tours (490). Nestas prescrições fala-se da obrigação de jejuar 3 vezes durante a semana, no período que era compreendido entre a festa de São Martinho (11 de novembro) e o Natal. A prescrição estava baseada e tinha uma ligação com a quaresma de São Martinho, que tinha seu início na festa do mesmo até a Epifania, sendo um total de 56 dias ou oito semanas.

É necessário ter em vista que nesta época partes da igreja tinham uma ligação com Bizâncio e Jerusalém, o trabalho era interrompido com o jejum, não só aos domingos, mas também aos sábados, somando-se um total de 40 dias de jejum. A motivação para essa quaresma era que a Epifania nessas regiões se constituía uma data da administração do batismo e não queriam tratá-la com menos merecimento do que à noite da Páscoa. Devido à escassez de fontes não é possível estabelecer com segurança quais as igrejas e quais épocas adotavam essa "quaresma".

Os primeiros indícios foram constatados em meados do século V, na cidade de Ravena, sendo que este domínio dependia muito do Oriente. O principal tema desta liturgia, neste período, era a expectativa do nascimento de Cristo. Já em Roma somente serão observados indícios de uma liturgia do Advento em meados do século VI, e isto estava ligado às têmeoras de inverno, cujas missas continham idéias ligadas ao Advento. Com Gregório Magno (590-64) teve início uma solução que aponta para

um caminho certo, pois com o Sacramentado, que está conservado em Roma, definem-se quatro missas dominicais e três das têmporas.

O Advento em outras igrejas, principalmente na Gália, ganham uma acentuaço marcadamente escatológica, tendo uma influência muito forte dos monges irlandeses, como por exemplo, Columbano, o jovem (530-615)¹¹, colocando em primeiro plano, com bastante intensidade, a figura do Senhor que voltaria para julgar os homens e tendo a penitência papel fundamental para o juízo final. Em sua pregaço, o Advento era considerado como um verdadeiro tempo de penitência. A constataço feita c de que na liturgia galicana as mudanças ocorridas passou a omitir o Glória, o aleluia e o Te Deum e passando também a usar os paramentos roxos no período do tempo do Advento.

No século XII observou-se na Gália um Advento de caráter penitêncial, passando a influenciar a liturgia romana, que passou a adotar por exemplo a omisso do Glória e o uso dos paramentos roxos. Mas, Roma nunca deixou de entoar o aleluia jubiloso, em uma clara demonstraço de que ela jamais considerou a preparaço do Advento como um tempo de penitência.

As "Normas Universais sobre o Ano Litúrgico e o Calendário" tinham uma justificativa para a omisso do Glória da seguinte maneira: que há uma diferença do tempo do Advento em relaço ao tempo quaresmal. No Natal, o canto de júbilo dos

Columbano, como outros padres de sua época, desejavam evangelizar terras distantes. Com esta motivaço deixou seu país de origem e dirigiu-se à França, onde iniciou suas pregaçoes. Historicamente, o século VI é bastante turbulento para a Europa que se vê "invadida" por povos pagoes germânicos. Em terras francesas, este padre fundou quatro mosteiros e quando retornava à Irlanda, seu navio desviou-se da rota e seguiu em direço ao sul. Columbano julgou ver neste episódio um sinal para que fosse evangelizar na Itália; para lá então se dirigiu e fundou mais um mosteiro, na cidade de Bobbio, onde faleceu. Ver www.amaivos.com.br

anjos deve ressoar como algo diferente, como novidade profunda e alegre. Séculos depois, em 1917/1918, o Código de Direito Canônico estabeleceu a não obrigatoriedade de se fazer jejum no tempo do Advento.

A solução romana encontrada para a cronologia do Advento é de quatro domingos; mas isto ocorreu depois de muitas mudanças, variações, hesitações, embora o rei da França, Pepino e seu filho Carlos Magno tenham estabelecido e decretado estas datas. Durante um bom tempo conheceu-se um Advento que tivesse de cinco e até seis semanas, em várias dioceses. Somente no decorrer dos séculos XI e XII que a solução romana se consolidou no âmbito franco-galicano.

Com o dia 24 de dezembro caindo num domingo, algumas igrejas estabeleciam que o Advento deveria começar no dia 26 de novembro, para poderem celebrar a liturgia dos quatro domingos e também a vigília do Natal. Mas, por último foi imposto o costume do Advento começar, somente no dia 3 de dezembro e omitir o quarto domingo em detrimento da vigília. Com a regra de iniciar o Advento o menos tardar a partir do dia 27 de novembro e o mais tardar em 3 de dezembro ficou estabelecido e mantido na reforma do Missal. O início do tempo do Advento começa com as primeiras Vésperas de domingo no dia 30 de novembro ou então no domingo que lhe fica mais próximo. Entretanto, não se pode suprir o 4º domingo quando este recai no dia 24 de dezembro.

O tempo do Advento tem duas características fundamentais. A primeira é um tempo de preparação para as solenidades do Natal, onde se comemora a primeira vinda do Filho de Deus entre a humanidade, e em segundo lugar é também um tempo de preparação e expectativa para a segunda vinda do Cristo no fim dos tempos.

Devido a estes momentos de preparação é que se observa a tônica da liturgia romana de que o Advento não é um tempo de penitência, em vista do julgamento do Senhor na sua segunda vinda, mas fazer uma celebração comemorativa e alegre da Encarnação e somente depois começar a piedosa e alegre espera da parusia.

Uma lei fundamental de toda a liturgia diz que:

os acontecimentos salvíficos só podem ser objeto de uma celebração na medida em que se tornam realidades históricas. É por isto que podemos celebrar o nascimento de Jesus, sua morte e ressurreição; podemos também celebrar sua ação no seio da Igreja, ação que se manifesta poderosamente no Pentecostes e na vida de cada Santo. Mas sua vinda para o julgamento e para a redenção definitiva de sua Igreja ainda não pode ser objeto de celebração no sentido próprio do termo, pois ainda não se realizou, mas deve primeiramente ser aguardada¹².

Para cada domingo do Advento, conforme já se mostrou acima, são escolhidos salmos e leituras próprias, que são relacionados com as leituras do evangelho que é fator determinante da fisionomia de cada missa.

A oitava do Natal significa uma semana litúrgica festiva. O dia da oitava coincide com o início do calendário civil, ou ano novo. Por isso para o Cristianismo aconteceram alterações que foram fundamentais; apropriando-se desta festa de passagem de ano, que era uma festa profana onde as comemorações eram em honra ao deus bifronte Jano, quando ocorriam comemorações desenfreadas e com grosseiras e licenciosidades, a igreja resignificou-a e procurou "imunizar" os fiéis, estabelecendo e organizando celebrações penitenciais e orientando-os a fazerem a prática do jejum para acabar com a devoção aos deuses.

ADAM, Adolf. *O Ano Litúrgico*, p 132.

Um dos sermões de Santo Agostinho têm uma passagem referente a esta festa:

Que eles dêem presentes de Ano Novo, vós, porém dareis esmolas; que eles cantem canções licenciosas, vós porém, vos deixareis atrair pela Palavra de Deus, que eles se apressem em ir ao teatro, vós porém, vos apressareis em ir à igreja; que eles se embriaguem, vós, porém, vos entregareis ao jejum .

No segundo Concílio de Tours (567) prescreve exercícios de ordem penitenciais para os três primeiros dias com os costumes pagãos; e no 4º Concílio de Toledo (633) estabeleceu-se a observância de um jejum rigoroso do tipo quaresmal.

Há também as solenidades da Epifania, ou batismo do Senhor. Epifania quer dizer manifestação de Deus, sendo esta a primitiva festa do nascimento de Cristo celebrada no Oriente. Os indícios mais antigos da festa da Epifania indicam Alexandria, no Egito, e os escritos de Clemente, que no início do século III, se refere a uma seita gnóstica, a dos basilidianos, que celebrava a festa do batismo de Jesus a 6 de janeiro. Festa que eles entendiam também como sendo a do verdadeiro nascimento do Filho de Deus. É provável que tenha surgido então, a festa da Epifania da "grande Igreja", "como reação a esta festa gnóstica", tornando-se mais depois popular, como festa do nascimento de Jesus, nas igrejas do Oriente¹⁴. Há a suposição de que a escolha do dia 6 de janeiro ocorreu sob influencia de uma festa pagã, semelhante ao que aconteceu com a festa romana do nascimento de Jesus.

A festa do nascimento de Jesus sempre foi associada também com a comemoração do seu batismo. Na Idade Média, a figura dos "Três Reis Magos" foram motivo de piedosa prática popular, devido ao fato de se supor que suas

¹³ Citado por ADAM, Adolf. *O Ano Litúrgico*, p. 138.

¹⁴ *Ibidem*, p.144.

reliquias terem sido transladadas de Milão para Calônia, pelo Reinardo de Dassel, em 1164. Com isso a Epifania passou a chamar-se festa dos Três Reis Magos ou simplesmente Dia de Reis. Devido a esta acentuação caiu no esquecimento que esta festa não é dedicada aos santos, mas é uma festa dedicada ao Senhor. Pois o relato evangélico não cita ou fala sobre reis, nem que seriam em número de três.

Os primeiros relatos a falar dos três Magos são de Orígenes (185-254). O número, que muito provavelmente foi sugerido devido aos três tipos de presentes que foram oferecidos. O título de reis somente foi encontrado em Cesário de Arles, no século VI. Os nomes dos supostos reis (Gaspar, Melchior e Baltazar) são conhecidos desde o século DC.

Em fins da Idade Média tem-se conhecimento das bênçãos de casas, feita com água e incenso bentos, no dia 6 de janeiro, e ainda o costume de se escrever nas portas das casas as letras C, M, B. A "Benção do giz" incluída no Ritual Romanum, interpreta essas letras como sendo as iniciais dos três reis, sendo assim uma explicação favorável a essa difusão popular; mas houve uma segunda versão de que se trataria das iniciais de três palavras latinas: "Christus Mansionem Benedica, ou seja "Cristo abençoe esta casa." (ADAM, 1983).

A festa em comemoração ao batismo de Jesus estava ligada também ao dia da oitava da Epifania, com a última reforma do ano litúrgico. Com as mudanças ocorridas nas "Normas Universais sobre o Ano Litúrgico e o Calendário", a festa do Batismo do Senhor ficou sendo logo depois do domingo da Epifania. É com a festa do Batismo do Senhor que se encerra o ciclo de festividades do Natal.

Capítulo 2: Festa de Natal: sua história, seus significados

"E a Palavra se fez homem e habitou entre nós".
(Jo 1-14)

Iniciaremos este capítulo falando do nascimento de Cristo, e para isso uma das documentações que usaremos para descrever este fato será a Bíblia Sagrada. Livro que contém o dogma da igreja católica, reverenciada e amada pelos cristãos. Pode-se dizer que Jesus Cristo ocupa o lugar de destaque dos textos bíblicos, e particularmente no Novo Testamento encontram-se os relatos específicos a respeito da pessoa de Jesus Cristo.

O livro Sagrado da Bíblia é dividido em 2 partes: Antigo Testamento e Novo Testamento. O Antigo Testamento anuncia a vinda do Filho de Deus, a luz que virá para a Salvação do mundo e o Novo Testamento seria a concretização da promessa de Deus para a humanidade, a vinda, portanto, o nascimento de seu Filho Jesus no mundo.

Com Jesus se realiza a "*nova e eterna Aliança*". É em Jesus e com Jesus que as Escrituras Sagradas se realizam. É bom lembrar que os Evangelistas não tiveram a intenção de fazer uma biografia de Jesus, mas quiseram mostrar que Ele era o Messias prometido. A palavra "Messias" é um termo hebraico que quer dizer "Cristo" na língua grega e significa: "Ungido". Que equivale a "Senhor" ou "Santo de Deus"¹.

Jesus teria nascido em Belém, na Judéia, a 7Km de Jerusalém. O seu nascimento dividiu a História em duas grandes épocas: Antes de Cristo e Depois de

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, 1982.

Cristo. A data do seu nascimento, portanto deveria ser o "ano zero", mas o que acontece é que ninguém sabe ao certo o dia e ano de seu nascimento.

Através dos Evangelhos que descrevem e narram o seu nascimento, conta-se que teria nascido pobre, numa gruta, sendo colocado em uma manjedoura, pois seus pais — Maria e José — não teriam encontrado abrigo na hospedaria da cidade. Os dois Evangelhos que descrevem o nascimento de Jesus são: Mateus e Lucas; por isso faremos um pequeno relato sobre esses dois evangelistas, procurando refletir acerca dos trechos bíblicos que narram o nascimento de Jesus.

O primeiro Evangelho do Novo Testamento é o de Mateus. O nome Mateus em hebraico quer dizer "dom de Deus". A profissão de Mateus era o de cobrador de impostos na cidade de Cafarnaum, cidade que estava situada junto ao mar da Galiléia. A sua profissão era mal vista, devido aos impostos que cobrava do povo. Mateus se intitulava como: "Mateus, o publicano", que quer dizer: "o pecador" (Mt 10,3). Era chamado também de Levi (Mc 2,13-14). Recebeu convite do próprio Jesus para ser seu discípulo (Mt 9,9) e pode-se constatar que é um dos evangelhos mais extenso. O original foi escrito provavelmente nos anos de 55-60 em aramaico. A partir deste foi feito um texto em grego e sua redação seria dos anos 62-70. Este evangelho de Mateus é dirigido especialmente aos judeus que se converteram, tendo-se o cuidado de mostrar que Jesus de Nazaré seria o herdeiro das promessas feitas por Deus a Davi. Procurando demonstrar que Jesus seria o Messias que os profetas anunciavam.

Sobre o nascimento de Jesus Mateus narra:

A origem de Jesus, o Messias, foi assim: Maria sua mãe, estava prometida em casamento a José, e antes de viverem juntos, ela ficou grávida pela ação do Espírito Santo. José, seu marido, era justo. Não queria denunciar Maria, e

pensava em deixá-la, sem ninguém saber. Enquanto José pensava nisso, o Anjo do Senhor lhe apareceu em sonho, e disse: "José, filho de Davi, não tenha medo de receber Maria como esposa, porque ela concebeu pela ação do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, e você lhe dará o nome de Jesus, pois ele vai salvar o seu povo dos seus pecados."

Tudo isso aconteceu para se cumprir o que o Senhor havia dito pelo profeta: "Vejam: a virgem conceberá, e dará à luz um filho. Ele será chamado pelo nome de Emanuel, que quer dizer: Deus está conosco." Quando acordou, José fez conforme o Anjo do Senhor havia mandado: levou Maria para casa, e, sem ter relações com ela, Maria deu à luz um filho. E José deu a ele o nome de Jesus".²

O Evangelho de Jesus Cristo segundo São Mateus (2,1-12) informa ainda que:

Tendo nascido Jesus na cidade de Belém, na Judéia, no tempo do rei Herodes, alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém, e perguntaram: "Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Nós vimos a sua estrela no Oriente, e viemos para prestar-lhe homenagem".

Ao saber disso, o rei Herodes ficou alarmado, assim como toda a cidade de Jerusalém. Herodes reuniu todos os chefes dos sacerdotes e dos doutores da Lei, e lhes perguntou onde o Messias deveria nascer. Eles responderam: "Em Belém, na Judéia, porque assim está escrito por meio do profeta: E você, Belém, terra de Judá, não; é de modo algum a menor entre as principais cidades de Judá, porque de você sairá um Chefe, que vai apascentar Israel, meu povo".

Então Herodes chamou secretamente os magos, e investigou junto a eles sobre o tempo exato em que a estrela havia aparecido. Depois, mandou-os a Belém, dizendo: "Vão, e procurem obter informações exatas sobre o menino. E me avisem quando o encontrarem, para que também eu vá prestar-lhe homenagem".

Depois que ouviram o rei, eles partiram. E a estrela, que tinham visto no Oriente, ia adiante deles, até que parou sobre o lugar onde estava o menino. Ao verem de novo a estrela, os magos ficaram radiantes de alegria.

Quando entraram na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Ajoelharam-se diante dele, e lhe prestaram homenagem. Depois, abriram seus cofres, e ofereceram presentes ao menino: ouro, incenso e mirra. Avisados em sonho para não voltarem a Herodes, partiram para a região deles, seguindo pro outro caminho".³

² Evangelho de Jesus Cristo segundo São Mateus; 1,18-25. *Bíblia Sagrada*, p. 1239.

³ *ibidem*, p. 1239-1240.

Já o evangelista Lucas nasceu em Antioquia da Síria, sendo de família pagã. Sua conversão foi por volta do ano 40. Sabe-se que fez medicina, sendo bem colocado entre as pessoas cultas do mundo greco-romano. Estava entre a 2ª geração dos cristãos, por isso não foi discípulo direto de Jesus, mas sim de Paulo, de quem era grande amigo, e com quem compartilhava as alegrias e os sofrimentos por causa do Evangelho. O terceiro evangelho foi escrito por Lucas, e não foi uma testemunha ocular dos fatos, mas investigou minuciosamente os fatos desde o princípio. Este fato pode ser encontrado citado na bíblia (Lc 1,3), como uma maneira de afirmar que embora não tenha participado ou visto os eventos, ele deseja dizer que o seu relato é verdadeiro. Podemos dizer que a preocupação de Lucas assemelha-se às preocupações dos historiadores desta época, como por exemplo, Tito Lívio e Tácito que seguiam o ideal objetivista de Luciano e Políbio que argumentavam que aquele que escreve sobre a história deveria se comportar ante seu objeto de estudo como um estrangeiro (DOMINGUES, 1996).

O evangelho de Lucas foi redigido talvez pelo ano de 67, seus textos estão voltados especialmente aos cristãos de origem pagã, tanto gregos quanto romanos. Tendo como objetivo principal o fortalecimento dos cristãos na fé, Lucas é o evangelista que mais narra sobre o nascimento e a infância de Jesus. Entre as pessoas que teria consultado estaria a Virgem Maria. A linguagem que Lucas usa é correta e bonita dando um destaque especial à misericórdia de Deus, isso é perceptível através das parábolas da Ovelha, da Moeda e do Filho Pródigo.

Lucas narra o nascimento de Jesus da seguinte maneira:

No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia chamada Nazaré. Foi a uma virgem, prometida em casamento a um homem chamado José, que era descendente de Davi. E o nome da virgem era Maria. O anjo entrou onde ela estava, e disse: "Alegre-se, cheia de graça! O senhor está com você!" Ouvindo isso, Maria ficou preocupada, e perguntava a si mesma o que a saudação queria dizer. O anjo disse: "Não tenha medo, Maria, porque você encontrou graça diante de Deus. Eis que você vai ficar grávida diante de Deus. Eis que você vai ficar grávida, terá um filho, e dará a ele o nome de Jesus. Ele será grande, e será chamado Filho do Altíssimo e o Senhor dará a ele o trono de seu pai Davi, e ele reinará para sempre sobre os descendentes de Jacó. E o seu reino não terá fim". Maria perguntou ao anjo: "Como vai acontecer isso, se não vivo com nenhum homem?" O anjo respondeu: "O Espírito Santo virá sobre você, e o poder do Altíssimo a cobrirá com sua sombra. Por isso, o Santo que vai nascer de você será chamado Filho de Deus. Olhe a sua parenta Isabel: apesar da sua velhice, recebeu um filho. Aquela que era considerada estéril, já faz seis meses que está grávida. Para Deus nada é impossível". Maria disse: "Eis a escrava do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra". E o anjo a deixou".⁴

Continua sua narrativa dizendo:

Naqueles dias, o imperador Augusto publicou um decreto, ordenando o recenseamento em todo o império. Esse primeiro recenseamento foi feito quando Quirino era governador da Síria. Todos iam registrar-se, cada um na sua cidade natal. José era da família e descendência de Davi. Subiu da cidade de Nazaré, na Galiléia, até à cidade de Davi, chamada Belém, na Judéia, para registrar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida. Enquanto estavam em Belém, se completaram os dias para o parto, e Maria deu à luz o seu filho primogênito. Ela o enfaixou, e o colocou na manjedoura, pois não havia lugar para eles dentro da casa".⁵

Através da narrativa desta solenidade, ao longo dos séculos, os fiéis são encaminhados a meditar sobre o grande dom de Deus para com a humanidade, dom representado pela vinda de Cristo, elo de ligação de Deus com a humanidade.

⁴ Evangelho de Jesus Cristo segundo São Lucas; 1,26-38. *Bíblia Sagrada*, p. 1310.

⁵ Evangelho de Jesus Cristo segundo São Lucas 2,1-7 -Nascimento de Jesus. *Bíblia Sagrada*, p. 1311-1312.

"Cristo vem a nós para que por meio dele possamos ir ao Pai" (Jo 14,6). Através da celebração deste mistério são criadas as condições para a comemoração do Natal.

A data 25 de dezembro foi fixada oficialmente pelo Papa Júlio I (280-352), durante o ministério papal nos 337 a 352. O primeiro calendário a marcar esta data como a do nascimento de Jesus é o de Filocalos, no ano de 354. Não se tem conhecimento da comemoração do Natal antes do século IV. O dia 6 de janeiro foi durante muito tempo a data escolhida para se comemorar o nascimento de Cristo no Oriente. E no Ocidente, em fim do século III e início do IV, ficou estabelecido pelo papa Libério no ano de 354, o dia 25 de dezembro como sendo o dia do nascimento de Cristo.

A tentativa de compreender a festa do Natal, tanto quanto da Epifania, vem sendo motivo de estudo sistemático por parte de vários estudiosos na tentativa de elucidar as origens e motivações desta festa. A festa do Natal pode-se dizer que desde o ano 336 já era comemorado nas liturgias da cidade de Roma. A festa da Epifania, comemorada no Oriente a 6 de janeiro, só passou a fazer parte da liturgia romana tempos depois da festa de 25 de dezembro. No entanto, a festa da Epifania já tinha se fixado em Milão, na Gália e na Espanha, isso antes mesmo da festa do Natal romano.

Há divergências com relação a data estabelecida para a comemoração da festa do nascimento de Cristo, no dia 25 de dezembro pelos romanos. A chamada hipótese apologético-histórico-religiosa, diz que o impulso veio de uma festa pagã do "deus sol invencível", ou "*Natale Solis Invictas*", que foi introduzida no ano de 274 pelo imperador Aureliano para todo o seu império, com a finalidade de honrar o deus-sol sírio de Emesa, comemoração que fixada no solstício do inverno, isto é, no dia 25 de

dezembro. A idéia e intenção do imperador ao estabelecer e criar esta festa era de manter a coesão de seu grande império.

Constantino, imperador romano, tornou oficial no ano de 321 a religião cristã por todo Império romano. A igreja de Roma, para se contrapor e impedir que os cristãos aderissem e seguissem a festa pagã do "deus sol invencível", vai estabelecer, como pretende a hipótese apologético-histórico-religiosa, a festa do nascimento de Jesus Cristo na mesma época, alegando que no antigo testamento já chama Cristo de Redentor — de "Sol da Justiça". Dado corroborado pela bíblia, através da citação Malaquias (3,20) que diz "Mas para vocês que temem a Javé brilhará o sol da justiça, que cura com seus raios" .

Como não se sabe da data certa do nascimento de Cristo, o que a igreja fez foi se apropriar da comemoração do "*Sol Invicti*" no dia 25 de dezembro, fazendo uma total refonnulação e resigiificando a festa de modo que ela contivesse características cristãs. Seu objetivo principal foi o de tentar conter e fazer frente ao crescente paganismo da época.

Segundo esta hipótese, a festa atual do Natal derivaria da festa romana do deus-sol, não com relação ao seu conteúdo, mas com relação à data. De maneira que cristãos triunfalmente estariam dando uma resposta aos pagãos, dizendo que eles é que celebravam a festa do verdadeiro Sol, o único que teria trazido a luz da salvação ao mundo.

A festa do Natal tem como eixo condutor e como principal personagem a pessoa de Jesus Cristo; sendo que ele foi e é considerado pela igreja católica como o verdadeiro Sol que veio para iluminar o mundo. No Novo Testamento, Cristo diz ser a "Luz do mundo" (Jo 8,12); e segundo o evangelista João, ele teria vindo ao mundo como a "Luz verdadeira que ilumina todo homem" (Jo 1,9).

O que se observa é que a aceitação da festa do Natal foi tão extraordinária e marcante que ultrapassou os tempos, fazendo-se presente até os dias atuais. Junto às comemorações dos festejos natalinos foram se agregando novos elementos e tradições, que passaram a fazer parte dessa festividade tais como: o presépio, árvore de natal, o papai Noel, os presentes de Natal, cartões, melodia de natal. Estas novas tradições popularizaram-se principalmente no século XIX, com estes costumes sendo adotados pela burguesia (MARTIN-FUGIER, 1991).

Diz os relatos sobre o Natal que foi São Francisco de Assis quem teve a idéia de criar o Presépio. O principal objetivo de São Francisco seria o de reviver a cena do nascimento de Jesus Cristo. Na noite de 1223, na cidade de Úmbria, ele reconstituiu em uma gruta o nascimento de Cristo, convidando os camponeses e todo povo da região, pobres e ricos, para irem à gruta para verem o presépio que retratava o nascimento de Cristo e também a participar da celebração que ali foi realizada.

Com relação à origem da árvore de natal, há controvérsia por não se saber exatamente como surgiu esta tradição, dizem que este costume se originou a partir do século XVI e que foi introduzido por Martinho Lutero e outros. Mas, muito antes conta a história que W. Wilfredo, que viveu do ano 634 a 709, foi quem teria introduzido este costume. A história é a de que Wilfredo derrubou uma árvore que

servia de culto por parte dos druidas. Quando ele estava cortando a árvore caiu violenta tempestade e um raio partiu a árvore em pedaços, ficando ileso apenas um pequeno pinheiro. Conta-se que o santo viu nisso a proteção da Providência à infância. E por ser sempre verde o pinheiro em qualquer estação do ano, poderia estar simbolizando a eternidade, a esperança. A árvore ou pinheiro de Natal provém dos países escandinavos, mas somente começou a se popularizar na Alemanha no início do século XIX. E, a partir de 1840 este costume também foi introduzido na Inglaterra e França.

Quanto ao Papai-Noel, diz-se que seria uma cópia de São Nicolau, que foi Bispo, nascido na época de Dioclesiano. São Nicolau foi perseguido, torturado e faleceu em 6 de fevereiro de 350. No ano de 1087 suas relíquias foram transladadas para a igreja dos Beneditinos de Bari na Itália. A devoção a São Nicolau desde o século VI era muito forte no Oriente, e durante o transcorrer da festa se fazia troca de presentes, devido à tradição que conta que São Nicolau gostava de distribuir presentes aos pobres e aos desvalidos, especialmente para as moças pobres que não tinham condições de ter um dote para o casamento. Diz-se que ele deixava no peitoril da janela suas dádivas e principalmente dinheiro, mas de forma que não fosse visto. Diz a tradição que esqueceu um sapato ou meia perto da janela e o presente caiu dentro, surgindo assim a idéia de se deixar na lareira meias ou sapatos para se ganhar presentes.

Há uma outra versão referente a Papai-Noel que diz que essa figura aparece na segunda metade do século XIX na Europa. Nos EUA, essa figura aparece com a finalidade de se ter uma maior tiragem de vendas de todo tipo de presentes, para se

encher os sapatinhos e meias que o bom velhinho à meia-noite deixava para as crianças, principalmente aquelas que eram obedientes a seus pais, sendo que a figura do Papai-Noel toma uma dimensão extraordinária, passando no século XX a ser a personagem principal do Natal.

De uma certa maneira os presentes de Natal têm uma ligação com São Nicolau. É bom ter em vista que desde a Igreja primitiva⁷ os cristãos já tinham o costume de trocar presentes por ocasião das grandes datas. Já os cartões de natal, com mensagens e ilustrações de textos litúrgicos, surgem com a finalidade de serem um convite à meditação da data. A partir de 1840 aparecem os primeiros cartões, mas somente em 1880 é que se expandiu na Inglaterra. Existe uma completa coleção de cartões de natal em Londres, há alguns raros que trazem na estampa a crucificação em vez do nascimento de Jesus Cristo. Os cartões de boas festas, desejando um natal feliz e repleto de alegria, são os mais difundidos pela tradição, alguns desses cartões trazem como tema o nascimento de Cristo.

As cantigas de natal são muito variadas, algumas são de fama universal como, por exemplo, "*Adeste Fidelis*" composta em meados do século XII, a autoria da letra é atribuída a São Boaventura. Há uma vastidão de melodias e composições que são célebres mundialmente feitas pelos franceses, alemães e muitos outros.

Com esta expressão quer se referir ao período de constituição e consolidação da igreja católica e de seus pilares. Diz respeito aos séculos I a VI aproximadamente. Entre outros, pode-se citar: Clemente de Alexandria (150- 215), Origines (185-254), Mani (216-277), Constantino (306-337), João Crisóstomo (347-407), Gregório de Nissa (335-395), Agostinho de Hipona (354-430), Gregório de Tours (538-594). Ver BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade* — O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo, 1990.

Estas tradições foram se confirmando através dos tempos, é possível perceber esta continuidade a partir de alguns fatos tais como o rei da Inglaterra, Henrique VII que viveu de 1457 a 1509, que determinou em sua corte que na véspera do natal se deveria trocar de presentes, justificando que era dia da paz, do amor, dia de confraternização. Por ordem da rainha Elizabeth foi determinado que ao invés de entregar o presente pessoalmente, que eles deveriam ser depositados ao pé da árvore de natal, em homenagem ao menino Jesus.

Nos dias atuais essas tradições continuam se fazendo presente e reafirmando a participação do povo, pois quando se chega essa época, nota-se um movimento maior nas lojas em busca de presentes, presépios, cartões e as melodias natalinas são mais tocadas.

O ciclo do Natal não está restrito à Festa do Natal do Senhor. O ciclo natalino atinge todas as demais festas em que Cristo se manifesta como o Salvador. Além do Natal, que é a manifestação do nascimento de Jesus, em Belém; há outras festas onde ele se manifesta: na manifestação da visita dos pastores quando o menino Jesus nasce; a festa da Sagrada Família, onde Jesus se manifesta no templo; a oitava do Natal, ou Solenidade de Nossa Senhora, mãe de Deus, onde através do evangelho demonstra a circuncisão e quando recebe o nome de Jesus; a festa da Epifania, quando Jesus se manifesta aos povos como Salvador; a festa do Batismo de Jesus, onde aparece como Messias e inicia sua missão. A festa do primeiro milagre, o de Cana, onde Cristo se manifesta com o que tem poder. E encerrando o ciclo das festas da manifestação do Senhor, temos a apresentação de Jesus Cristo no Templo.

A liturgia que é preparada para este período não traz apenas os mistérios de Cristo, mas os evoca e procura-se revivê-los no presente. Cristo não estaria guardado apenas no passado através de suas manifestações, mas se revelaria através da igreja, que se reuni para comemorar os mistérios da sua manifestação. "Importa, pois, viver o nascimento de Cristo e sua manifestação; importa ver como Cristo poderá continuar a nascer e manifestar-se em nós e nos outros hoje"⁸. Através da festa do Natal, através da fé, o fiel acredita que renascerá com Cristo. Orígenes já dizia: "que me adianta Cristo ter nascido em Belém, se ele não nascer no meu coração?" .

A comemoração do Natal para igreja é um convite feito a cada um. É um chamado e uma convocação a nascer para uma mudança e transformação de vida. A celebração do Natal é um tempo para reviver e experimentar o mistério do encontro entre o céu e a terra, entre o divino e o humano, através da crença de que Deus tornou-se "humano para que o homem se tome divino". Esta realidade é expressa no primeiro Prefácio do Natal, que informa: "quando o vosso Filho se fez homem, nova luz da vossa glória brilhou para nós, para que vendo a Deus com nossos olhos, aprendêssemos a amar o que não vemos

E no terceiro Prefácio, no qual o mistério do Natal é anunciado: "Por ele, realizou-se neste dia o maravilhoso encontro que nos faz renascer, pois, enquanto o

⁸ BECKHAUSER, Frei Alberto. *Celebrar a Vida Cristã*, p 198.

⁹ Citado por BECKHAUSER, Frei Alberto, p. 198.

¹⁰ Ibidem

vosso Filho assume a nossa fraqueza, a natureza humana recebe uma incomparável dignidade; torna-se de tai modo um de nós que nos tornamos eternos" .

Através da Epifania, Cristo se manifesta nos fiéis. Para os cristãos, o Natal deve se transformar em Epifania. O Prefácio desta solenidade diz o seguinte: "E nosso dever [dos fiéis] entoar um cântico em vosso louvor, porque hoje, para iluminar todos os povos, revelastes o mistério de nossa salvação, fazendo vosso Filho aparecer em nossa carne mortal para renovar-nos na glória da sua imortalidade" .

A procura do Messias pelos sábios do Oriente, deve ser revivida por todos os homens, e cada um deve estar disposto a buscar e a descobrir as maneiras e formas com que Cristo se manifesta na humanidade. A estrela que guiou os sábios até Cristo se revela, de várias formas ainda nos dias de hoje, através da Palavra de Deus através da criação, da fé, da igreja, dos sacramentos, do amor aos nossos irmãos; todos são meios que conduzem os fiéis ao Salvador. Este é para a igreja verdadeiro sentido da Epifania, deixar-se ser guiados pelas manifestações de Cristo, que iluminaria nossas vidas para sermos luz para os outros.

Pode-se citar como momentos de manifestação do Cristo, a festa do Batismo, onde se manifesta a sua missão, que é a de ser o Filho querido e amado do Pai, como rei, sacerdote e profeta. Outro momento é o milagre nas Bodas de Cana; um dos sinais de sua missão messiânica, que levou os discípulos a crerem nele. Para aproveitar este tempo da Manifestação é necessário e proveitoso acompanhar as leituras bíblicas, principalmente os evangelho.

¹¹ BECKHAUSER, Frei Alberto. *Celebrar a Vida Cristã*, p 198.

¹² *Ibidem*, p.199.

Através da devoção do Rosário a piedade cristã contempla os mistérios do ciclo de Natal, através dos denominados "mistérios gozosos": a anunciação, a visita de Maria à sua prima Izabel, o nascimento de Jesus, a apresentação ao Templo, o encontro com Jesus no Templo discutindo com os outros doutores da lei.

Esta festa da apresentação do Senhor no templo é também conhecida pelos seguintes nomes: Festa da Purificação de Nossa Senhora ou Festa de Nossa Senhora das Candeias, isto é, das velas. É uma festa celebrada 40 dias depois do Natal. O Evangelho de (Lc 2,22-28) narra o episódio de Maria e José apresentando Jesus ao Templo, por ser o primogênito. Diz:

Terminados os dias da purificação deles, conforme a Lei de Moisés, levaram o menino para Jerusalém, a fim de apresentá-lo ao Senhor, conforme está escrito na Lei do Senhor: 'Todo primogênito de sexo masculino será consagrado ao Senhor' (...)¹³-

Através desta festa se revive o mistério da manifestação de Jesus Cristo no templo, sendo proclamado pelo velho Simeão como luz dos povos. Por isso teria surgido o nome de Nossa Senhora das Candeias, por ocorrer uma procissão com vela, e a vela ser símbolo de luz, simbolicamente a iluminação dos fiéis em suas vidas e ações.

, A vela representa a luz de Cristo, no Batismo a vela é acesa, simbolizando a Luz que acompanhará o cristão na sua caminhada por este mundo. No batismo ela simboliza a fé, a vida nova em Cristo, dando testemunho de vivência do Cristo. Na primeira Eucaristia, professamos pessoalmente a nossa fé. Na Vigília pascal com a

Lc 2, 22-28; *Bíblia Sagrada*, p. 1312.

vela acesa renovamos nossas promessas do Batismo. "Na profissão religiosa ela quer significar a dedicação total a Deus e aos homens na vida da perfeita caridade" . Nos santuários há lugares específicos para se ascender uma vela significando uma expressão de consagração ou agradecimento.

A festa da apresentação de Cristo no templo é uma demonstração que os fiéis deveriam se tomar "templos de Deus". Com a vinda de Cristo, que armou a sua tenda entre os homens, os templos de pedra foram abolidos, para surgirem os templos vivos, os próprios homens tomados "templos sacrossantos". "Nesta festa são os homens que acolhem o Cristo em seus braços e em seus corações a fim de se tornarem luz para iluminar os povos"¹⁵

Até aqui, tratamos como surgiu a Festa do Natal e, principalmente, tentamos demonstrar os objetivos e as finalidades que levaram a igreja católica a instituir esta festa. Como ocorreu sua criação e como se deu desenvolvimento da comemoração do nascimento de Cristo, que é o evento norteador dessa festa.

Procuraremos agora tentar fazer algumas reflexões com relação à festa de Natal no Brasil, e particularmente na cidade de Mariana, no período compreendido entre 1945-1990, momento em que foi possível encontrar, sobretudo através do jornal "O Arquiocesano" informações um pouco mais abundantes.

¹⁴ BECKHAUSER, Frei Alberto. *Celebrar a Vida Cristã*, p. 201.

¹⁵ Ibidem. Ver também DALARUM, Jacques. Olhares de clérigos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). *História das Mulheres*, 1991, p. 29-63.

Festejos Natalinos no Brasil: Mariana na segunda metade do século

O período das grandes festas do calendário litúrgico, o Natal e a Páscoa, são épocas no Brasil para o divertimento, e representam quase uma semana de interrupção no trabalho, momento de descanso.

No período colonial, por exemplo, os proprietários rurais aproveitavam o feriado para fazerem uma visita às suas usinas de açúcar ou visitar a plantação de café, fora da cidade. Já os artífices aproveitavam essas festas para estarem reunidos com os amigos e parentes, ou proprietários de sítios situados próximos da cidade. Aproveitavam para descansar e fazer um programa diferente, de acampamento, pois os escravos levavam as esteiras e as roupas. Quando amanhecia iam caminhar, tomar banho nos pequenos riachos, estes exercícios abria-se o apetite e na hora de voltar para almoçar e depois tirar uma soneca para deixar passar a hora da tarde, que era quente. Dormia-se das 4h às 7h e depois da Avc-Maria; dançavam durante a noite toda ao som do violão (ARAÚJO, 1997).

Os proprietários ricos organizavam festas mais grandiosas, pois convidavam pessoas importantes da sociedade, poetas que recitavam seus versos e quadrinhas diversas, tendo também a habilidade da improvisação. Essas festas contavam com músicos que cantavam e tocavam suas modinhas para alegrar as senhoras. Os dias eram preenchidos por várias distrações, os homens caçavam, pescavam ou faziam um passeio a cavalo. Já as mulheres estavam mais voltadas e preocupadas com a toalete para estarem prontas para o almoço que acontecia às dez horas. O almoço era regado

dos vinhos mais finos, como: do Porto, Tenerife, Madeira; uma variedade de aves, peixes, reptéis. A champanhe era servida como estímulo para alegrar os músicos e poetas. Confundiam-se os aromas do café, o perfume dos licores. A mesa do jogo era ponto de continuidade da festa, que só termina à meia-noite, quando o chá era servido e cada um ia para o seu quarto. Visitar um amigo em que possuía uma propriedade mais distante no dia seguinte, era uma forma de ser cortes e com estes passeios, as reuniões da semana chegavam ao seu termino.

No século XVIII, La Barbinais que fora convidado pelo vice-rei de Salvador para participar de uma celebração de Natal, descreve como foi o comportamento das freiras do convento de Santa Clara do Desterro, que para época devido às convenções e normas eclesiais rígidas da igreja fora considerado totalmente fora de propósito:

Às dez horas (da noite) fomos para a igreja de Santa Clara, onde eu não esperava ver uma comédia, ou melhor, uma farsa. Em todas as casas religiosas de Portugal as jovens madres estudam durante o ano certo número de tolices e canções jocosas para recitá-las na noite de Natal. Essas senhoras estavam em um estrado aberto e elevado, cada uma com seu instrumento, violas, harpas, .. tamboris, banzas (viguelles) etc. Seu diretor deu o sinal entoando o salmo *Venite exultemus*. Aí todas as religiosas se viram a cantar as canções que haviam estudado com tanto desvelo; cada uma cantava a sua, e tal diversidade de canções e de vozes fomiava uma algazarra que, junto aos instrumentos tão discordes como as vozes, davam justa vontade de rir. Elas pulavam e dançavam com tão grande bulha que, à semelhança do lundu, cheguei a pensar estivessem possuídas de algum espírito extravagante ou de um duende de humor alegre e jovial.

Mas ainda viria uma surpresa muito maior, O silêncio sucedeu à algazarra e em vez das lições que se costuma ler nos noturnos de matinas, uma religiosa ergueu-se e, indo sentar-se gravemente numa poltrona, proferiu um longo discurso em português estropiado, tal como o falam os escravos. Esse discurso era um relato satírico das intrigas galantes dos funcionários da corte do vice-rei; ela nomeou a amante de cada um e referiu-se em detalhe às suas boas e nas qualidades¹⁶.

Este pode ser um exemplo da maneira como se comportavam a sociedade colonial *no* interior dos templos religiosos. Não era raro usarem dança, música e alguns instrumentos durante a celebração da missa. Para a visão de algumas pessoas da época, e ao que parece principalmente para os estrangeiros, este comportamento era condenado, visto como exagerado e fora do contexto religioso. Comportamentos sempre "rígido na formulação dos princípios éticos, inculcados quase sempre com firmeza pelas autoridades eclesiásticas". No entanto, ao "chegarem no plano da aplicação, todavia, mudava tudo"¹⁷.

Em uma carta do Padre Vieira, há a descrição, mas sem riqueza de detalhes como ele passou o Natal. Diz como foi à noite de Natal e o que fizeram, e principalmente como sentia saudades de não estar na Companhia neste dia. No dia 25 de dezembro, os padres Francisco Veloso, Manuel de Sousa e Antônio Vieira, resolveram fazer uma parada para erigir uma capela ou choupana feita de palma para poderem celebrar com certa decência os mistérios da sagrada noite de Natal. Ele relata que as dificuldades pelas quais passaram e pediam um pouco de descanso durante a noite. Escreveu:

mas toda ela se passou em vela, sobre a terra nua da choupana, oferecendo cada um ao Menino nascido não só os desamparos de seu Belém, mas as saudades da devoção e concerto que esta santa noite celebra nos colégios da Companhia ¹¹⁸ .

ARAÚJO, Emanuel. *O Teatro dos Vícios*, p. 270.

VIEIRA, Pe. Antônio. *Cartas*, p. 160.

A meia-noite foi celebrada três missas, os que estavam presentes ouviram; durante o dia foram celebradas outras missas, havendo à distribuição da comunhão para alguns portugueses e índios. Por ser Natal, eles não continuaram sua jornada neste dia.

Estas informações embora esparsas, nos ajudam a ter uma noção possível de como a sociedade brasileira comemorava e celebrava o dia de Natal. No início do século XIX parece já haver no Brasil, o costume das pessoas trocarem presentes. Era costume se dar presentes por ocasião das festas do Natal, do 1.º do ano e de Reis. Os presentes dados no Natal e dia de Reis eram presentes ligados à alimentação tais como: doces, compotas, leitão, aves, vinhos, licores. Neste período a roupa do escravo era renovada e concedia também algum tempo de gratificação aos subalternos (MAGALHÃES, 1998).

Para as "pessoas de bem", os presentes eram finos, mais apurados e de bom gosto. Eram enviados em bandeja de prata, com finas toalhas de musselina, combinando-se em usar apenas determinada cor, só quem recebia e quem mandava sabia o significado, sendo assim uma espécie de código. Às vezes, marcavam-se até encontros.

Durante a véspera do dia de Reis se festejava também, alguns músicos se organizavam para fazerem serenatas para os amigos, os quais os convidavam para subir e tomar alguma bebida e continuar tocando no salão, madrugada a fora. Na festa de Reis, os negros e mulatos livres, considerados de classe inferior, improvisavam uma espécie de carnaval, onde se fantasiavam e saíam pelas ruas das cidades com um

grupo de músicos, prolongavam este festejo pela madrugada a fora, terminando sua excursão em uma venda, onde permanecendo até o alvorecer.

Nas informações conseguidas para a segunda metade do século XX, no periódico "*O Arquidiocesano*", é possível perceber que profundas alterações ocorrem, especialmente no que diz respeito ao movimento denominado de secularização e as mudanças que este provocou em termos de reação pela igreja. .:

O termo secularização no Direito canônico está relacionado com a volta do homem religioso para o mundo. Por secularização se entende o processo pelo qual alguns setores da sociedade e da cultura deixam de ser dominados por instituições e símbolos religiosos, ou seja, a igreja deixa de influenciar e ter poder sobre determinadas instituições que antes estava sob seu domínio.

A secularização implica na mudança da vida cultural, das idéias, das associações e se observa o declínio do domínio dos conteúdos religiosos na arte, literatura, filosofia e principalmente na ciência. Passa a preponderar uma visão canônica de domínio próprio e inteiramente secular do mundo. O número crescente de pessoas influenciadas pela secularização é grande, passam a encarar suas vidas sem a perspectiva de buscar recursos de interpretações religiosas. O ponto de vista que prevalece é de que não precisa se buscar no sagrado respostas para a vida. O ser humano se basta para compreender e saber o que é bom para sua vida.

. A secularização trouxe uma nova visão de mundo para o Ocidente moderno; principalmente na maneira de pensar, pois o indivíduo passa a encarar o mundo e sua própria vida sem a necessidade de buscar no sagrado, apoio e respostas para questões

de suas vidas, agora ele passa a ser senhor de seu pensamento e de tudo que está a sua volta, obtendo pleno controle de suas ações.

É possível notar que a secularização, por ser um fenômeno global das sociedades modernas, não é uniforme, pois cada grupo da população é atingido de maneira diferente. Em pesquisas feitas percebeu-se que o impacto que a secularização causa tende a ser mais forte nos homens do que nas mulheres; nas pessoas de meia-idade mais que nas idosas ou muito jovens; mais na cidade do que no campo.

Nas guerras de religiões, o termo foi usado para estar indicando a perda do controle de territórios ou propriedades pelas autoridades eclesiásticas. Já no Direito canônico, o termo passou a significar o retorno de um "religioso" ao mundo.

Para a época contemporânea a palavra ganhou uma outra conotação de caráter ideológico e valorativo, e em alguns momentos com pontos positivos e negativos. Em movimentos anticlericais e progressistas, isso significou a libertação do homem moderno da religião. Ao passo que em movimentos ligados às igrejas tradicionais tem sido combatido como descrístianização, paganização e equivalentes.

Podemos entender por secularização o processo pelo qual grupos da sociedade e da cultura são subtraídos da dominação de instituições e símbolos religiosos. Através de observações feitas sobre a sociedade moderna no Ocidente é possível perceber que a secularização é a mudança ocorrida na retirada das Igrejas cristãs das áreas onde antes ela era detentora de poder e influência. Um dos motivos fortes que levou a essa transformação foi à ruptura entre Estado e Igreja.

A secularização constituiu um processo de mudança social, de maneira que a influência e pensamento exercido pela religião que prevalecia durante séculos sobre

as pessoas declinou, sendo substituída por outras maneiras de explicar a realidade e regulamentar a vida social.

O movimento de secularização progrediu especialmente com as sociedades industriais. E a maneira principal que irá explicar o mundo natural é a ciência, que substituiu a religião e as instituições estatais como ordenadores do mundo social e cultural.

Até os feriados religiosos acabam por perder sua significação religiosa, passando a serem vistos como um período de descanso, lazer, férias, tempo para programar atividades com a família e amigos. A parte espiritual, que era um dos objetivos humanos, passaria a ser substituído paulatinamente pelo materialismo. Um dos tópicos que será continuamente contestado pela igreja católica desde de finais do século XIX. No século XIX, além do materialismo, deviam ser combatidos com muita firmeza: a civilização e a modernidade, "a irreligiosidade, as teorias revolucionárias, as ideologias materialistas estrangeiras, o indiferentismo". Devia-se defender a sociedade contra "o liberalismo, o positivismo, o racionalismo, o cientificismo, o socialismo, a maçonaria e o protestantismo" .

Procurar-se-á agora refletir acerca de quais argumentos foram utilizados pela igreja para tentar trazer de volta a "essência primeira do catolicismo", e qual caminho os fiéis deveriam seguir para procurar em Deus a resposta para os seus anseios e questionamentos do ser humano e da humanidade.

Um primeiro ponto que logo se destaca no século XX são as alterações sofridas no período do Tempo do Advento. A igreja católica recorda durante todo o ano o mistério da vida de Cristo, desde a Encarnação até o dia de Pentecostes, que é a espera da vinda do Senhor.

O tempo do Advento tem duas importantes características: a primeira que é um tempo de preparação para as solenidades do Natal, quando se comemora a primeira vinda do Filho de Deus à humanidade e a segunda diz respeito à segunda vinda de Cristo no fim dos tempos.

Revestido de nossa fragilidade, Ele (Cristo) veio a primeira vez, para realizar o seu plano de amor e abrir-nos o caminho da salvação. Revestido da sua glória, Ele virá uma segunda vez, para conceder-nos em plenitude os bens outrora prometidos e que hoje vigilantes, esperamos" .

. Nos relatos encontrados no "*O Arquiocesano*", o tempo do Advento não é mais um tempo de penitência como no passado, quando tinha que se fazer jejum e abstinência, mas representaria agora um tempo de preparação e de alegre espera pela chegada do nascimento de Cristo. Por esse motivo este tempo se apresentaria como um tempo de alegria e expectativa pela promessa que nele está contido.

A liturgia para a preparação do Advento se divide também em duas partes: do 1º Domingo do Advento até o dia 16 de dezembro, a liturgia exprime o aspecto escatológico impelindo um sentido para uma 2ª vinda de Cristo. E do dia 17-24 de dezembro as leituras estão mais direcionadas para a preparação do nascimento de

²⁰ *O Arquiocesano*. Mariana, 14/L2/1969

Cristo. O sentido e o significado maior do Advento é a vinda do Senhor, levando a compreender que sem Deus não é possível caminhar e curar os males existentes, pois Deus libertaria da escravidão interior, do egoísmo, da tirania, da ganância e do orgulho.

A principal disposição para o cristão durante o período do Advento deve ser a fé, isto é, a necessidade de crer e de acreditar na chegada do Filho de Deus entre a humanidade. Acreditar que esse homem-Deus é o Salvador, irmão e melhor amigo. Procurava-se convencer aos fiéis de que é "preciso crer, em Jesus Cristo Filho de Deus Pai, verdadeiro Deus com o Pai e o Espírito Santo" . Sem a fé praticamente seria impossível celebrar a vinda de Cristo, pois sem isso tudo não passaria de mera exterioridade e de folclore superado.

Uma outra característica do tempo do Advento é a idéia de caridade e de ajuda ao outro, ou melhor, a demonstração e a atitude de quem sabe que precisa e reconhece que tem necessidade de um Outro maior e que aceita com grande gratidão e alegria toda iniciativa deste Outro. Percebe-se assim que é um período para o recolhimento, meditação, reflexão, mudança de vida, o cristão toma consciência da necessidade de se converter aos caminhos e vontades de Deus.

É um tempo de preparação e mudança interior, revisão de vida, que leva e cria disposição para uma caminhada cristã mais intensa; "é portanto, um tempo de reforma, interior de revisão de vida, de vida cristã mais intensa"²².

O Arquidiocesano. Mariana, 03/12/1972

²² *O Arquidiocesano*. Mariana, 03/12/1972.

O Advento é também um tempo importante para a igreja, pois representada para esta instituição a confirmação de servir como um sinal de sua presença e reafirmar sua missão neste mundo: levar os ensinamentos do Cristo, guiar os fiéis e fazer sempre presente entre os homens o Filho de Deus.

Faz-se necessário registrar como curiosidade uma norma para Advento no princípio do século XX. Neste período o Advento era compreendido como um tempo de "de recolhimento e penitência, e por isso era proibida a solenidade do casamento e se manda aos fiéis jejuar para se prepararem com a mortificação para o grande dia do Natal"²³.

Com o passar dos tempos a igreja católica fez algumas modificações relacionadas no tempo do Advento, estipulando que:

- 1- Toque do órgão e de outros instrumentos musicais é proibido. Permite-se porém: a) em funções extralitúrgicas; b) à exposição do Santíssimo; c) para sustentar o canto; d) no domingo Gaudete, nas festas e solenidades, e ainda em alguma celebração.
- 2- Não se colocam flores no altar, exceto nos casos acima.
- 3- Na celebração do matrimônio dentro ou fora da missa, dá-se a bênção nupcial; mas admoestem-se os esposos que se abstenham de pompa demasiada"²⁴.

Para a igreja católica o Tempo do Advento passou a ter um novo olhar, passa a ter uma nova visão diante das mudanças, progressos, modernidade que aconteceram com o passar dos anos. Este tempo do Advento ganha uma nova visão que a de se preparar com alegria e retidão para esperar a chegada da promessa de Deus para a humanidade, isto é, o nascimento de seu Filho, Jesus.

²³ *O Arauto de São Sebastião*. Mariana, 28/11/1912.

²⁴ *O Arquidiocesano*. Mariana, 02/12/1984.

O Ano Litúrgico, como já se chamou à atenção, tem seu início com a festa do Natal. Através desta solenidade medita-se o grande dom de Deus Pai para com a humanidade. Por ser uma das solenidades mais importantes do Ano Litúrgico ela é antecipada pelo Advento, que é então um período de preparação. As leituras, as orações, as músicas são escolhidas com a especial preocupação, pois comemoração o nascimento de Jesus e simbolicamente se revive a vinda do Senhor aos "homens de boa vontade".

A liturgia da festa de Natal, segundo a tradição romana, nos mostra que desde o século IV cada sacerdote pode celebrar três missas no Natal. A primeira missa conhecida como "missa do galo", com início à meia-noite; a segunda é a "missa da aurora"; e a terceira é a "missa do dia". Esta forma de celebrar três missas no dia de Natal se faz presente até os dias atuais.

Em alguns artigos do jornal "*O Arquidiocesano*", o questionamento constante feito pela igreja é: qual é o Natal que devemos preparar? Qual é o verdadeiro sentido do Natal?

O que se pode perceber é que para muitos a festa do Natal passava a se resumir à prática do consumismo. Vendo nas festividades do Natal uma maneira de dar e receber presentes. Em 1976, um artigo deste jornal afirmava que a "preparação para o Natal deve ser interior, isto é vir de dentro para fora. O que acontece? Parece-me que ela é toda exterior: presentes, festas, passeios" .

No início da década de 70, D. Oscar de Oliveira, bispo da cidade, afirmava com relação à imprensa os efeitos nocivos que ela causava à festa do Natal, direcionando e usando esta festa para o consumismo. Escreveu:

Bem antes do ciclo litúrgico do Advento que prepara os cristãos para sua frutuosa celebração do Natal de Cristo, já se vinham fazendo propagandas comerciais na imprensa, no rádio e na televisão à custa desta festa essencialmente cristã. E, à medida que ela se aproxima, mais intensas se tornam tais propagandas de cunho exclusivamente temporal. Estímulos de venda, desde confeitos até geladeiras, de brinquedos infantis, até de roupas custosas .

Para a igreja a festa do Natal deve consistir em um convite mais profundo, uma preparação interior, ou seja, voltar o olhar para dentro de si mesmo para se proceder a uma reflexão, para pensar em Deus que enviou seu Filho Jesus ao mundo, por amor e para trazer a Salvação, libertando a humanidade do pecado, reconciliando-se com Ele. A comemoração do Natal:

Consiste numa interiorização. Interiorizar-se é entrar dentro de si para uma reflexão. Refletir é pensar. Pensar em que? Pensar em Deus Pai que nos ama e enviou seu Filho à terra para nos salvar, para nos libertar do pecado, para nos reconciliar com Ele e com os homens²⁷.

Para o cristão o Natal deve ser: "Dia de festa. Primeiro para o espírito. É, pois mister restaurar significado espiritual do Natal do Senhor. Restaura-lo por uma preparação condigna"²⁸.

²⁶ *O Arquidiocesano*. Mariana, 33/12/1970.

²⁷ *O Arquidiocesano*. Mariana, 19/12/1976.

²⁸ *O Arquidiocesano*. Mariana, 14/12/1969.

Em alguns artigos deste jornal é possível notar a crítica que é feita com relação às pessoas que não acreditam e desmerecem os ensinamentos da igreja católica:

Encontramos homens que como se Deus não existisse. Homens que não tem nenhum relacionamento com Ele. Homens que não acreditam num ser supremo, absoluto que se chama Deus. Homens que prescindem totalmente do Senhor do universo, que criou o mundo e o governa² .

Alguns anos mais tarde, em 1980, o jornal repetia a questão, afirmando que muitos ignoravam "a palavra de Deus nunca a lêem ou a escutam. Pouco, pouquíssimos são os que põem em pratica. Neste Natal quando os homens não se encontram, não se entendem e vivem divididos a palavra de Deus é a resposta"³⁰ .

- Em um de seus discursos sobre a festa do Natal é possível notar a indignação de D. Oscar, bispo da Arquidiocese de Mariana, em relação às mudanças que a festa do Natal estava tomando. Para ele a "celebração do Natal é empanada, deturpada, profanada por tanta gente que falando dele, tem o coração voltado para o terra-terra. Fazem do Natal meio pretexto para mundanidades, para propagandas comerciais"³ . E ainda "criou-se a figura do Papai-Noel; e deixou-se muito para traz a figura do Cristo"³² .

Faz referência às mudanças que a modernidade vai incutindo nas pessoas. Afirma que as "temporalidades vão penetrando paulatinamente nos corações

²⁹ *O Arquidiocesano*. Mariana, 09/12/1976.

³⁰ *O Arquidiocesano*. Mariana, 21/12/1980.

³¹ *O Arquidiocesano*. Mariana, 23/12/1971.

³² *O Arquidiocesano*. Mariana, 21/12/1969.

cristãos", de maneira que pouco a pouco chegam ao "a ponto de perderem o sentido espiritual e sobrenatural da grande festa da cristandade" . Para este bispo há "várias maneiras de se comemorar o Natal", sendo que a maioria delas seria "anti-cristã diga-se para espanto dos convencionalistas" .

A preparação que a igreja católica fez com seus fiéis, é de eles deveriam estar voltados para a oração e preparados para acolherem no coração do filho de Deus, Cristo; pois entre os cristãos, "o Natal revive o mistério de um Deus que se faz nosso irmão para nos reconciliar com o Pai" .

Para as pessoas pobres, de baixa renda, este período é esperado pela esperança de ganhar alimentos. Para se poder ter uma mesa farta com comida variada e diferente pelo menos uma vez ao ano. Dizia o jornal no ano de 1976, que eles, os pobre, "também devem ter um Natal feliz, alegre, festivo". E conclamava aos mais afortunados a fazerem "campanhas de Natal, para minorar o sofrimento alheio, para tornar os outros mais felizes"³⁰.

Seis anos antes, no ano de 1960, havia sido organizado campanhas para angariar donativos e distribuir à população pobre. Campanha organizada pela Sociedade São Vicente de Paulo. Sobre esta campanha assim se pronunciou o jornal,

(...) organizou-se como nos anos anteriores, o Natal dos pobres, fazendo no dia 24 do mês próximo passado, uma farta distribuição dos principais gêneros alimentícios, proporcionando aos mais necessitados um Natal alegre e festivo. Tivemos a mais boa vontade de todos que generosamente, contribuíram para

³³ *O Arquiocesano*. Mariana, 14/12/1969.

³⁴ *O Arquiocesano*. Mariana, 13/12/1964.

³⁵ *O Arquiocesano*. Mariana, 21/12/1980.

³⁶ *O Arquiocesano*. Mariana, 19/12/1976.

esse Santo Natal e de um modo especial, dos esportistas de Mariana que sentindo a necessidade de levar aos que sofrem de presente de Natal, quiseram cooperar com os Vicentinos, fazendo realizar duas magníficas partidas de futebol, o que muito concorreu para que fossem beneficiadas, como, 119 famílias num total de 258 pessoas. Pelas colunas deste jornal, tornamos público os nossos mais vivos e sinceros reconhecimentos a todos aqueles que caridosamente, contribuíram com seu auxilio para tão santa finalidade, proporcionando aos pobres um pouco de conforto neste festivo natal. Publicando, agora o que fizemos, queremos consignar aqui a profunda gratidão do Conselho Particular aos Vicentinos em geral que não medindo sacrifícios para realização de tão nobre iniciativa, puseram-se em campo num gesto estupendo de renuncia de si mesmos por amor aos pobres .

A Sociedade São Vicente de Paulo, cujo presidente era Benedito Nunes Horta, fez constar no artigo que distribuiu, proporcionalmente a 258 pessoas, os seguintes gêneros:

Gêneros	Preço unitário	Total
171K de arroz de 2 ^a	26,00	4.446,00
215 k de fubá	13,00	2.795,00
106 k de feijão	50,00	5.300,00
172 k de açúcar cristal	13,50	2.322,00
59,5 k de toucinho	85,00	5.057,00
50 k de café em pó	40,00	2.000,00
39,5 k de sal	-	276,00
2 cobertores	-	240,00
40,5 metros de fazendas	-	891,00

Total: CR\$ 24.578,00

Donativos Recebidos:

Listas a cargo das conferencias	CR\$
N. Sra da Conceição	1.145,00
N. Sra das Mercês	1.527,00

O Arquidiocesano. Mariana, 17/01/1960.

N. Sra do Rosário	988,00
N. Sra Santana	1.050,00
São José	417,00
Santa Terezinha	1.995,00
Santo Antonio	1.668,00
Santa Efigênia	200,00
Conselho Particular	2.134,00
Produto de 2 partidas de futebol	8.072,00
Total	CR\$ 22.196,00

A Igreja faz um sério questionamento com relação às campanhas que são feitas neste período. Indaga: será que o pobre só come neste período? E o restante do ano? Ainda: o que fazer além dessas campanhas?

Serão eles mesmos os culpados? Estarão assim por preguiça, por apatia? Pode ser que a causa esteja aí. Mas mesmo que esta seja a causa, não devem eles ser esclarecidos, orientados, numa palavra, educados para que se promovam? Existe uma verdadeira educação que prova os pobres? Não basta, hoje, uma assistência social, só, necessária, mas que não resolve. É bom que se promova a campanha de roupa, que se faça o jantar. E depois? O pobre continua triste, esperando a nova campanha, o novo jantar do ano seguinte .

Tentaremos verificar qual a posição que a Igreja toma diante dessas transformações e quais foram os argumentos usados por ela para tentar reverter à situação e o descontentamento com o rumo que a festa do Natal estava tomando.

É possível observar que até nas religiões houve mudanças devido à secularização, sendo preciso mudar, por exemplo, determinados textos sagrados e rituais para melhor se adequarem às transformações ocorridas no mundo moderno. O Natal, passa a ser comemorado de diferentes maneiras e com variadas intenções. Podemos verificar isso através do seguinte relato:

O Arquidiocesano. Mariana, 1912/1976.

Há o Natal do comerciante que espera com ansiedade este tempo para auferir bons lucros e assim aumentar seu capital.

Há no natal da sociedade que avalia a importância desta data pela oportunidade que tem de realizar boas festas, pomposas, bons bailes e boas reuniões.

Há o natal do estudante que aprecia este tempo, porque com ele vem as férias e com estas o descanso da monotonia de um longo período de aulas.

Há o Natal da criança que sonha com a chegada deste dia por causa dos padrinhos lhe trazem.

Há ainda o natal do pobre que conta dos dias até a vinda deste dia em que uma mão se estende até ele para lhe trazer uma melhoria para a mesa sobre a qual habitualmente está a fome³⁹.

A Igreja exorta os cristãos primeiramente, e depois à sociedade, para estarem se comprometendo e se aprofundando mais sobre este assunto relacionado também os pobres e suas dificuldades; procurando descobrir uma solução que seja mais eficaz;

Unamo-nos para a reflexão, para a descoberta de soluções humanas e cristãs. Que nossa consciência não se tranquilize com uma campanha apenas de Natal. Cristo é bem mais exigente. Ele quer que busquemos soluções definitivas e não apenas paliativas. As soluções exigem um estudo bem mais profundo das causas desta situação: tantos pobres em favelas, tantos irmão marginalizados, frustrados abandonados⁴⁰.

Apesar de todos esses pensamentos não estarem errados, é necessário ter um olhar mais adiante, não esquecendo a essência verdadeira do Natal, que seria a vinda do Cristo junto à humanidade e sua permanência. E estas são mensagens que atravessam os séculos e gerações e, de acordo com a igreja, quem as escuta e pratica encontra a salvação. Assim,

Natal é Paz, Natal é alegria, Natal é Fraternidade. Natal é boa vontade entre os homens. Fora disto o Natal é pantomina, é teatro, é carnaval. Não há Natal quando Jesus está ausente. Lamentavelmente a crescente paganização e

³⁹ *O Arquiocesano*. Mariana, 12/12/1989.

⁴⁰ *O Arquiocesano*. Mariana, 13/12/1964.

comercialização do natalício do Filho de Deus reduziu o Natal a *reveillons* e coquetéis. Nestas comemorações natalinas, Jesus Cristo é o grande ausente⁴¹.

Mesmo com todo brilho exterior durante a época natalina, o cristão não deve deixar-se levar e seduzir por estes encantos esquecendo a essência primeira do Natal. Porque todas, diz o artigo de 1982, "estas comemorações, mesmo rodeadas de todos os encantos naturais, jamais nos deveriam afastar do pensamento central, que é o Cristo que vem portador da sua mensagem" .

Nas duas décadas anteriores esta questão foi continuamente marcada nas páginas do "Arquidiocesano" acerca das festividades do Natal. Em 1969, encontramos escrito que "se ficássemos só nisto [nas festas e encantos naturais], se fizéssemos constar esta preparação só nesta mudança de cores ornamentais muito pouco seria e muito pouco sentido estaríamos dando à festa máxima da cristandade". E ainda: "(...) Sim, porque já houve absurdo dos absurdos, já houve quem pretendeu festejar o Natal sem o Cristo, sem a recordação da gruta de Belém, sem oração e sem a Missa da meia-noite"⁴³. No ano seguinte afirmava: "Não o Natal não mudou. Ele conserva perene fresca espiritual na vida da Igreja"⁴⁴.

A data do Natal não é mera efemeridade ou simples comemoração sentimental, mas acima de tudo deveria ser a vivência de um mistério, o do nascimento de Cristo.

⁴¹ *O Arquidiocesano*. Mariana, 26/12/1982.

⁴² *O Arquidiocesano*. Mariana, 26/12/1982.

⁴³ *O Arquidiocesano*. Mariana 21/12/1969.

⁴⁴ *O Arquidiocesano*. Mariana, 12/12/1971.

Armar presépios nos lares cristãos da Arquidiocese de Mariana, mesmo que fosse pequeno e modesto era uma recomendação para que a família, "formando uma coroa junto dele glorifiquem a Deus, rezem com fervor pela santificação da família, pela paz *no* mundo, pela conversão dos pecadores" .

A preparação que a igreja faz para o Natal, no espaço de quatro semanas, era compreendida como "uma ótima ocasião" para "promover nos fiéis uma renovação de vida cristã"⁴⁰. O mundo do consumismo, argumentava a igreja, dizendo para a pessoa que ela deve comprar e pagar em suaves prestações, levava alguns iludidos com a propaganda a gastar até o que não tinha. E ainda, "em nome do Natal, bem organizadas propagandas da sociedade de consumo leva a tantos a adquirir com sacrifícios objetos de que ou não precisam ou não são tão urgentes"

A cidade está ornamentada com motivos natalinos. Nas conversas o assunto é Natal. Em seus comentários muita gente diz: neste ano, tudo é mais difícil. As viagens são tão caras, os preços dos presentes altos e o dinheiro pouco. O mundo consumista quer que se compre mais e que se gaste o que muita gente não pode⁴⁸.

No entanto, a preocupação de parte da sociedade, segundo a igreja continuava a ser com os aspectos materiais: a ceia, os presente, as viagens na época do Natal. Este desvio para o consumismo e da perda do sentido e do significado natalinos, representava que o povo estaria sendo "mal conduzido", e desta maneira tinha "a sua atenção voltada para os grandes banquetes regados a vinho e uísque e para força de

⁴⁵ *O Arquidiocesano*. Mariana, 13/12/1970.

⁴⁶ *O Arquidiocesano*. Mariana, 12/12/1971.

⁴⁷ *O Arquidiocesano*. Mariana, 15/12/1985.

⁴⁸ *O Arquidiocesano*. Mariana, 21/12/1980.

cartões-postais", mas, no entanto, ignorava "em suas vidas o personagem central do Natal"⁴⁹.

A festa do Natal tomou, aos olhos da igreja, conotações e rumos totalmente contrários ao que prega. As pessoas estariam mais preocupadas com o material do que com o espiritual, dando um maior valor às coisas do mundo e Deus ficando em muitos momentos em segundo plano. Por outro lado, as festas de Natal tornavam-se temas de propaganda, as pessoas se envolviam como clima das comemorações. E principalmente, diferente de outros tempos a solenidade perdia seu caráter de rito circunscrito ao espaço físico das igrejas e das casas, e chegava às ruas. Tornava-se público, tornava-se um "bom negócio", laiscizava-se:

Tudo fala de Natal. Abre-se a televisão e aparecem as publicidades de Natal. A cidade está toda ornamentada com motivos natalinos. Nas conversas o assunto é Natal. Em seus comentários muita gente diz: neste ano, tudo é mais difícil. As viagens são tão caras, os preços dos presentes altos e o dinheiro pouco. O mundo consumista quer que se compre mais e que se gaste o que muita gente não pode⁵⁰.

Aos católicos batizados, mas não tem vivência e participação de vida cristã, adverte:

Batizados, mas não vivem o seu batismo. São crismados, não dão porém, testemunho de vivência cristã. São casados na Igreja, não tem um comportamento cristã tem um comportamento cristão, digno, honesto, de fidelidade, numa palavra, dentro do matrimônio⁵¹.

Na década de oitenta, o jornal trazia o texto:

⁴⁹ *O Arquidiocesano*. Mariana, 26/12/1982.

⁵⁰ *O Arquidiocesano*. Mariana, 21/12/1980.

⁵¹ *O Arquidiocesano*. Mariana, 19/12/1976.

É lamentável que tantos batizados e dizendo-se católicos, se acomodem a fazer do Natal apenas um passa-tempo de divertimentos, de comilanças e bebedeiras, à moda dos que não tem fé e que deturpam e envilecem o Natal do verbo de Deus Encarnado. Pior ainda "celebrar" o Natal em tavernas e algazarras, quando talvez, naquela hora noturna não longe dali, no recesso do templo se comemora piedosamente o nascimento do Senhor⁵².

Ao longo do tempo, foram sendo criadas tradições para a festa do Natal que visam a comercialização de produtos. A visão da Igreja referente ao consumismo e comercialização é que isso gera uma ilusão e afastamento dos fiéis. Para a igreja, se "a palavra de Deus fosse lida, ouvida, entendida, assimilada e vivida pelos homens, a situação da humanidade seria bem diferente"⁵³.

Desde a década de quarenta do século XX que se debatia a missão que os Bispos e sacerdotes deveriam cumprir com relação à comunidade. No texto de uma Carta Pastoral de 1945 se lê:

Os Bispos e os sacerdotes têm missão especial de pregar, ensinar, difundir a doutrina cristã, como o fazem. Mas como cidadãos de suas pátrias, no uso e gozo dos direitos e deveres políticos não podem omitir-se quando graves interesses do país exigem tomada de posição, auxiliando assim aos dirigentes civis em suas tarefas construtivas"⁵⁴.

Quarenta anos depois, nas páginas do "*9 Arquidiocesano*" lia-se que os esforços e missão da igreja estavam concentrados em:

Levar todos os homens à plena comunhão com Deus Pai e entre si, por meio de Cristo, no dom do Espírito Santo, mediante a Igreja visível hierárquica. A Igreja que une os homens a Deus pela força da palavra divina.(...) Durante a

⁵² *O Arquidiocesano*. Mariana, 15/12/1985.

⁵³ *O Arquidiocesano*. Mariana, 21/12/1980

⁵⁴ Cartas Pastorais, 1945.

preparação para o Natal, a palavra de Deus há de ser anunciada para unir os homens e não separa-los⁵⁵.

Espera a igreja que os cristãos sejam os canais incentivadores do verdadeiro Natal, mantendo atitudes e comportamentos que sejam adequados e em consonância com este tempo. Que tenham atitudes concretas que sirvam de exemplo para a comunidade. Aos "cristãos leais e sinceros", a igreja confia "que além de proclamar pelo testemunho pessoal a pureza das celebrações natalinas", eles possam fazer "dedicadas advertências e por palavras incentivadoras" promover "o perfeito seguimento de Cristo, a vivência fiel e integral da fé" e mais importante, experimentar o sentido "da Sagrada liturgia do mistério do Natal"⁵⁶.

Conta-se com estes "cristãos leais e sinceros", pois a igreja enfrentaria muitas dificuldades e grandes opositores para anunciar a boa Notícia. Conclama os fiéis a terem a consciência de que "quer no plano doutrinal quer no da disciplina" os obstáculos seriam muitos e, portanto, esperava-se que cooperassem "todos no que puderem em prol da verdade e da virtude católicas". Incentivava a todos a terem um "Natal de Cristo e com Cristo!"⁵⁷.

Em 1987 se lia:

Fiéis na contemplação do divino Natal, celebremo-lo sobre tudo no coração, com alegria de alma, com elevo de espírito. Sejam evangelizadores do Natal neste especial encontro com Cristo, tão menino de nós, vendo-nos em Cristo o Deus conosco: Mas sejam também evangelizadores com nossa doutrinação,

⁵⁵ *O Arquiocesano*. Mariana, 21/12/1980.

⁵⁶ *O Arquiocesano*. Mariana, 15/12/1985

⁵⁷ *Ibidem*.

junto dos irmãos de boa vontade, alheios, porém ao verdadeiro espírito do natal a celebrar-lo como se deve⁵ .

Na segunda metade do século XX, a luta a igreja parece ter sido sobremaneira de fazer com que seus princípios, crenças e ritos permaneçam. Entre tantas outras questões, com a festa do Natal não parece ter que foi diferente. Luta principalmente com relação ao que considera seus "inimigos" e às idéias e ações que devem ser combatidas.

Uma de suas (re)ações que tem tido é conclamar através dos Evangelhos, leituras e sermões os fiéis para que eles saibam qual é o verdadeiro Sol:

O sol da história, que é Jesus nascido em Belém, morto na cruz, é o Sol que nos ilumina que nos aquece, que se faz presente em todos os dias e em todas as noites do homem; para ele não existe sombra, não há escuridão nem trevas, pelo contrário, esta noite é mais clara que um dia esplendoroso, é a noite mais clara que a luz fulgurante do Sol, queremos reconhecer a vida que dá esperança a esta sociedade titubeante e doentia .

⁵⁸ *O Arquidiocesano*. Mariana, 25/12/1987.

⁵⁹ *O Arquidiocesano*. Mariana, 19/12/1990.

Conclusão

Através do calendário litúrgico, que tem seu início com o tempo do Advento, que por sua vez é uma preparação para a grande festa do Natal ou a celebração do nascimento do Filho de Deus, pode-se abordar alguns pontos que influenciam a maneira e comportamento das pessoas com relação a esta festa.

. As mudanças ocorridas com o passar do tempo vêm nos mostrando que questões como: o racionalismo, a modernidade e a secularização, nos mostram que ocorreram transformações com relação ao modo das pessoas agirem. Destaca-se a maneira pela qual elas se afastam ou se deslocam da ação mais direta da igreja. Para as autoridades eclesiais isso passou a significar não mais a busca do sagrado, o contato com Deus, mas a substituição pouco a pouco pelo mundo material.

Este deslocamento ficou vulgarmente conhecido por "secularização". E ocorreu junto com outras mudanças como: o crescimento das cidades, a industrialização, o crescimento desenfreado da população. Isto auxiliou a geração a busca de novos valores e interesses.

Para a igreja a época da festa do Natal passou a representar consumo e perda do sentido de celebração da festa. As pessoas teriam como maior preocupação comprar presentes, ter uma mesa farta para a ceia, mandar cartões para os amigos e parentes. As lojas e o comércio se enfeitam e anunciam seus produtos, usando e escolhendo maneiras que sejam mais criativas para atraírem os fregueses. Diante de tantas mudanças, o sagrado teria ficado esquecido (ou embotado). O rito natalino fragmentava-se.

A cultura sofreu grandes alterações, isso pode ser notado nas estruturas das cidades que crescem numa velocidade assustadora, revelando novas formas de pensamento, sejam de âmbito econômico, político, social e religioso.

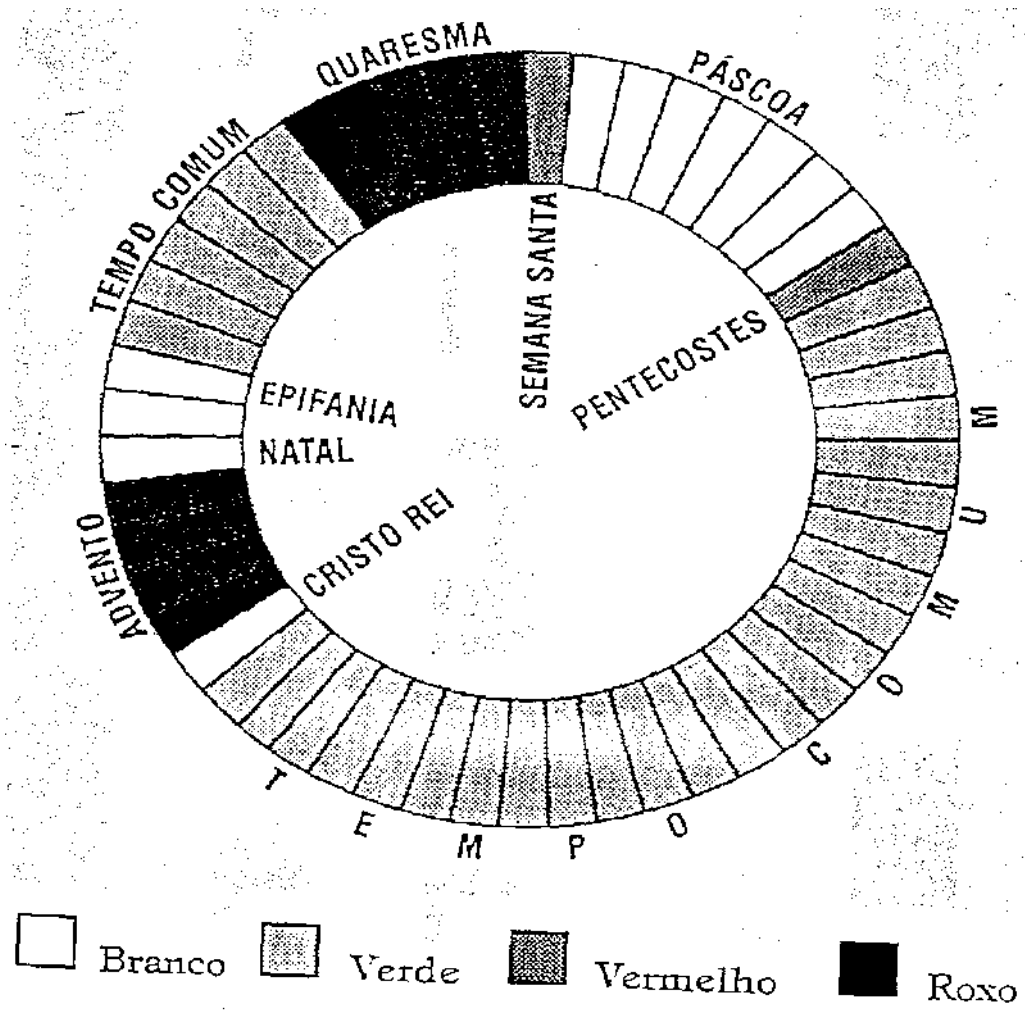
Com o crescimento das cidades é possível perceber que a festa do Natal não é mais uma festa restrita nos templos religiosos, mas com as transformações sofridas ela ganha uma nova conotação, onde está impressa e implícita a mudança dos tempos.

. A igreja que outrora detinha o poder impondo normas de comportamento e moral, de certa maneira enfraqueceu-se; mas hoje ainda continua, através de seus sermões e homilias, na busca de trazer seu rebanho de volta. Mas pode-se notar que perdeu grande espaço e prestígio diante dos fiéis. A secularização, a transformação das cidades e da população ajudou às pessoas a tomarem decisões sem precisar pedir a todo momento de suas vidas a benção da igreja. O que deve fazer, sem precisar buscar nos recursos religiosos uma resposta.

Este estudo, ainda pouco conclusivo, não permitiu entretanto perceber a evolução e a transformação que a festa do natal sofreu. Principalmente as mudanças ocorridas no século XX. A festa do Natal não fica mais restrita ao templo religioso, e ao domínio quase completo da igreja, como em outros tempos, embora seus rituais, como a celebração das Missas sejam ainda muito importantes, e uma maneira de atualizar na memória dos fiéis a lembrança e a recordação do nascimento de Cristo; evento maior das comemorações natalinas. Por outro lado, pode-se notar pelos textos do jornal "O Arquidiocesano" que a festa ganhou novas características e tradições e pouco a pouco estas foram se agregando, ganhando espaço e interesse da sociedade.

A igreja católica tenta usar de argumentos que convençam, através principalmente de suas homilias e sermões, e assim trazer novamente o que considera como sendo a verdadeira essência do Natal. O que se percebe é que a missão que a igreja se impõe agora com relação ao Natal é que, a exemplo do que acontecia quando estabeleceu a festa, isto é, tentar conter os avanços do paganismo, agora a tentativa que lhe afigura é de combater e fazer frente ao movimento de consumismo desenfreado. Esperando com estas ações que os fiéis hajam de maneira piedosa, contrita e acreditem no mistério do nascimento de Cristo.

Calendário Litúrgico



Fontes Documentais e Bibliografia:

I-Manuscritos

Carta Pastoral, 1945. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana

II- Jornais:

1. Jornais do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana

Arauto de São Sebastião, O. Mariana, 28/11/1912

Arquidiocesano, O. Mariana, 17/01/1960; 13/12/1964; 14/12/1969; 14/12/1969;
21/12/1969; 12/12/1970; 13/12/1970; 12/12/1971; 23/12/1971; 03/12/1972;
09/12/1976; 19/12/1976; 21/12/1980; 26/12/1982; 02/12/1984; 15/12/1985;
12/12/1987; 25/12/1987; 19/12/1990

III-Fontes Impressas:

Bíblia Sagrada — Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. Trad. e notas Sérgio Milliet. 2.ª edição, Tomo 1 [v. I e II]. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1949.

VIEIRA, Pe. Antônio. *Cartas*. Clássicos Jackson. Vol XIV.

IV-Bibliografia:

ABREU, Martha. *O Império do Divino* — Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ABREU, Martha. *Festas e Cultura Popular na Formação do Povo Brasileiro*.

ADAM, Adolf. *O ano Litúrgico*. 2ª edição. Ed. Paulinas. 1983.

- ARAÚJO, Emanuel. *O Teatro dos Vícios*. 2ª ed. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: José Olympio, 1997.
- BECKHAUSER, Frei Alberto. *Celebrar Vida Cristã*. 7ª edição. Ed. Vozes, 1985.
- BORGES, Vavy Pacheco. *O que é história*. 6ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Cultura na Rua*. Campinas. Papyrus, 1989.
- BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade — O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. O Triunfo Eucarístico: hierarquias e universalidade. *Barroco* 15, 1989.
- CECHINATO, Pe. Luiz. *Conheça Melhor a Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. "Você me conhece?" Significados do carnaval na Belle époque carioca. *Projeto História*, São Paulo, PUC, n.13, jun., 1996.
- _____. Veneza, África, Babel: leituras republicanas, tradições coloniais e imagens do carnaval carioca. *Seminário Festas: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: USP/ FFLCH, 06-11 de set. 1999.
- DALARUM, Jacques. Olhares de clérigos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). *História das Mulheres*, v.2. Porto: Edições Afrontamento, 1991, p. 29-63.
- DUARTE, Pe. Luiz Miguel. *Liturgia Conheça mais para celebrar melhor*. São Paulo: Paulus, 1996.
- JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1960.
- KANTOR, Íris. Notas sobre aparência e visibilidade social nas cerimônias públicas em Minas setecentistas. *Pós-História*. Assis-SP, v.6:163-174, 1998.
- LUTZ, Pe. Gregório. *Liturgia. A família de Deus em festa*. São Paulo: Edições Paulinas, 19--.

- MAGALHÃES, Sônia Maria de. *A Mesa de Mariana* — produção e consumo de alimentos em Minas Gerais, 1750-1850. Dissertação de Mestrado, Departamento de História, Franca: UNESP, 1998.
- MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida burguesa. In: PERROT, Michelle (Org.)- *História da Vida Privada*, v.4: Da Revolução Francesa A Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 193-261.
- ODORISSÍO, Mauro. *Missas, Mistérios- Celebração, Organização*. 2ª cd. São Paulo: Ave Maria. 1994.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de. *Festividades cíclicas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.
- ORTIZ, Renato. *A consciência fragmentada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- _____. Carnaval, Reflexões II. *Cadernos CERU*, n.º 11, 1.ª série, 1978.
- PRIORE, Mary del. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SENNETT, Richard. *Carne e Pedra* — O corpo e a cidade na civilização ocidental. São Paulo: Record, 1997.
- SHWARCZ, Lilia M. *As Barbas do Imperador* — D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TEIXEIRA, Sérgio Alves. *Os Recados das Festas*. Representações e poder no
- TINHORAIO, José Ramos. *As festas no Brasil Colonial*. São Paulo: Editora 34, 1994.
- VALERI, V. Verbetes "Festa"; "Rito". In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1994.
- VOVELLE, Michel. O popular em questão. In: *ideologia e Mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1985.